



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS**  
**CLÁSSICAS**

**CEILÂNDIA, *QUILOMBO* DOS CANTARES: UMA PROPOSTA  
METODOLÓGICA**

**ANA CAROLINA DE SOUZA SILVA**

**2017**

**CEILÂNDIA, *QUILOMBO* DOS CANTARES: UMA PROPOSTA  
METODOLÓGICA**

ANA CAROLINA DE SOUZA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Português do Brasil como Segunda Língua como requisito básico para a conclusão de curso.

Orientadora: Enilde Faulstich.

**Ao povo ceilandense.**

## **AGRADECIMENTOS**

Chegou a hora de agradecer àqueles que me ajudaram nesse corre. A participação de cada um foi muito significativa, pois agregaram, consideravelmente, na travessia que me levou aos resultados desse trabalho.

Agradeço ao Divino por me dar forças diariamente nesse processo. Ao meu filho Jorge, guerreiro que me motivou com o olhar menino e o sorriso doce de criança; nunca deixou que se apagasse em mim o nervo da vida. A minha mãe, outra guerreira e melhor amiga; são insuficientes as palavras de gratidão a você, minha querida, que apoiou e acreditou em meu trabalho. Agradeço a minha vó e aos irmãos queridos que conviveram com tantas emoções. Amo vocês, minha família.

Aos meus prezados alunos, gratidão eterna. Meus amados, tornarei a ensaiar com vocês as possibilidades de se viver melhor nessa cidade. Gratidão por serem iluminados como são, vocês são inspiradores. Ao vice-diretor que tão bem me atendeu na escola, acreditou em meu trabalho e incentivou-me até o fim.

A minha saudosíssima e sublime orientadora, Enilde Fausltich. Foste aquela que me concedeu a liberdade de pesquisar com amor. Ao meu generoso, digno e amigo, Saulo Nepomuceno, gratidão pelas orientações, recomendações e diálogos sinceros que tivemos. Leonardo Ortegá, gratidão pelas referências. Aos amigos companheiros nesse processo de criação, Gabriel Azevedo, Paula Rodrigues e Rebeqa Aguiar; foi ótimo compartilhar todas as emoções sentidas com vocês, grata pela humanidade que transparecem.

Aos integrantes do SDR, em especial, Nego Beto; você é raro, cara. Gratidão aos colegas do Sarau V.A., pois vocês muito me inspiram. À musa, Karina Biondi; embora não saiba, é para mim uma grande professora, pois mostrou, com seus passos, a possibilidade de percorrer esta vereda.

Nada disso aconteceria se não fosse minha casa, a Ceilândia. À população ceilandense, gratidão. Vocês são minha maior inspiração, minha referência de vida. Amo tua simplicidade, humildade e personalidade, meu povo.

## RESUMO

A proposta do presente ensaio foi desenvolvida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm) da Universidade de Brasília. Este trabalho relata a experiência vivenciada em uma escola de Ensino Fundamental II da Ceilândia Sul – DF. A região administrativa apresenta diversas problemáticas de ordem social; portanto, procuro reunir obras de cantores de *rap* que, a fim de combater as dificuldades da cidade, relacionam a Ceilândia a um *quilombo*. Dessa forma, também esclareço as concepções presentes na história e na contemporaneidade acerca do *quilombo*. Para a realização desta pesquisa etnográfica, foram realizadas entrevistas em campo e foi desenvolvido um projeto na escola intitulado “Ceilândia, *quilombo* dos cantares”, com o propósito de desenvolver uma metodologia de ensino de língua voltada a alunos do 6º ano que se encontram em situação de vulnerabilidade e atraso escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ceilândia, educação linguística, quilombo, rap.

## **ABSTRACT**

The purpose of this essay was developed at the Center for Terminological and Lexical Studies (LexTerm Center), at the University of Brasília. This project reports an experience lived in a primary school of Ceilândia Sul - DF. The administrative region presents several social problems; therefore, I try to gather songs from rappers who, in order to combat the difficulties of the city, relate Ceilândia to a quilombo. In this way, I also clarify the conceptions present in history and contemporaneity about the quilombo. In order to execute this ethnographic research, interviews were conducted in the field and a project (entitled "Ceilândia, quilombo dos cantares") was developed at the school, with the purpose of developing a methodology of language teaching directed to students of the 6th grade who are in vulnerability situation and backwardness scholar situation.

**KEY WORDS:** Ceilândia, linguistic education, quilombo, rap.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
I.....	8
II.....	10
III .....	11
<b>CAPÍTULO 1. Novos <i>quilombos</i>, velhas doutrinas</b> .....	15
I.....	15
II.....	21
III .....	22
<b>CAPÍTULO 2. <i>Linguística aquilombada: da importância dos estudos funcionalistas na favela</i></b> .....	25
I.....	25
II.....	25
III .....	27
IV .....	29
V.....	30
<b>CAPÍTULO 3. Métodos e experiências</b> .....	35
I.....	35
II.....	36
III .....	39
IV .....	41
V.....	44
<b>CAPÍTULO 4. “Ceilândia, <i>quilombo</i> dos cantares”: um breve relato</b> .....	47
I.....	47
II.....	47
III .....	49
<b>CONSIDERAÇÕES</b> .....	52
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	55
<b>GLOSSÁRIO</b> .....	58



## INTRODUÇÃO

### I

As ruas da Ceilândia são vivas. Por todos os lugares que passo, observo a movimentação de crianças, idosos, adultos, trabalhadores, cachorros; os gritos, buzinas, conversas e risos. Também, eventuais tiros. Essa metrópole é abastecedora de um grande número de trabalhadores; move-se majoritariamente pelo comércio e hoje está no Grupo 3 dentro dos 5 grupos de Regiões Administrativas, divididos segundo as faixas de renda per capita mensal (1,2 SM)<sup>1</sup>. Apesar de estar em vantagem – comparada a demais regiões como Samambaia, Estrutural e Itapoã -, a cidade ainda passa por mazelas sócio estruturais. Esses fatores são perceptíveis a partir da história da composição da cidade e, também, na fala dos ceilandenses.

Subindo as quadras da Ceilândia Sul em direção a instituição que atende alunos do Ensino Fundamental, vejo áreas mal estruturadas, abandonadas, tomadas pelo matagal; o tráfico que acontece livremente enquanto crianças seguem para as escolas. Na porta, percebo a agitação dos estudantes e, do outro lado da rua, o típico grupo de *bikes* - são meninos que não compõem o corpo estudantil, mas sempre **colam**<sup>2</sup> em frente à escola rotineiramente. **Trocam ideia**<sup>3</sup> com as meninas, alguns alunos também **colam** com o grupo antes da entrada – penso que por questões de *status*. Reconheço-os como típicos – e eis uma informação importante nessa pesquisa - pois eu estudara nessa mesma escola quando menina. As faces se atualizam, mas já se tornara cultural o encontro dos jovens na porta da escola.

Entro, procuro o vice-diretor. É meu primeiro dia e mal posso esperar para conhecer meu público alvo. A escolha não fora ocasional; pedi que me indicasse a turma mais problemática. Os alunos, em geral, estão em atraso escolar, apresentam problemas sociais externos à escola, problemas que refletem no desenvolvimento escolástico. O vice-diretor me acompanha, apresenta-me aos alunos e eles, indiferentes, não **dão muita ideia**<sup>4</sup> para meu

---

<sup>1</sup> Codeplan: Indicadores de Desigualdade Social no Distrito Federal, 2007. Disponível em <[http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa\\_socioeconomica/demografia/Demografia\\_e\\_m\\_Foco\\_1\\_Indicadores\\_de\\_Desigualdade\\_Social\\_no\\_Distrito\\_Federal.pdf](http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/demografia/Demografia_e_m_Foco_1_Indicadores_de_Desigualdade_Social_no_Distrito_Federal.pdf)>. Acesso em 27/03/2017.

<sup>2</sup> COLAR: Frequentar; visitar.

Palavras grafadas em negrito referem-se a termos locais. Eles foram reunidos em glossário.

<sup>3</sup> TROCAR IDEIA: Conversar; papear.

<sup>4</sup> DAR IDEIA: Prestar atenção.

projeto e proposta. Posso entender o porquê de a professora regente ceder tão tranquila e rapidamente as aulas; ela agradecera por isso.

Foi necessária muita paciência para, primeiramente, organizá-los em círculo. Justifiquei: era necessário que olhássemos nos olhos uns dos outros. Falei um pouco de minha experiência enquanto ceilandense, ex-aluna daquela escola, assim como minha trajetória escolar e acadêmica. Atentei-os da importância dos estudos e o quanto poderiam conseguir com isso. Muito dispersos ainda, desobedientes, os alunos não davam atenção. Jogavam bolinhas de papel, ofendiam-se (o *bullying* é algo comum naquela turma) e respondiam uns aos outros com agressões físicas aos insultos. Com paciência, tentei chamar-lhes a atenção. Primeiramente, eu os observei. **Dei a ideia**<sup>5</sup>, enfatizando que **corríamos**<sup>6</sup> **lado a lado**<sup>7</sup>, que **estávamos juntos**<sup>8</sup>, que estivessem **ligados**<sup>9</sup> para isso. Expliquei a importância do português oficial como instrumento de acesso nos processos oficiais e cotidianos; reforcei que, quanto mais estivessem **ligados**, mais teriam regalias como os **boy**<sup>10</sup> têm. Questionei o quanto deveriam aprender sobre seus direitos e, para minha surpresa, nenhum dos 15 alunos presentes sabiam o que era a Constituição.

Os alunos relatavam ter histórico criminal, uma aluna disse-me ser mãe. A turma tem, em média, 14 anos e vários problemas sociais envolvidos.

Apenas no final da primeira aula consegui realizar minha primeira dinâmica: uma meditação. Com custo, eles fechavam os olhos e então pedi que relemberrassem situações ruins, situações que lhes fizeram sentir-se feridos, magoados e até com ódio. Posteriormente, pedi para que expusessem esse sentimento com um grito coletivo e muito alto. Gritamos três vezes e, no final, alguns choraram.

No segundo período, propus que fizessem uma entrevista uns com os outros. Preparei um questionário que continha as seguintes perguntas:

1. Nome
2. Idade
3. Sexo
4. Cor
5. Estrutura familiar

---

<sup>5</sup> DAR A IDEIA: Orientar; avisar; ensinar.

<sup>6</sup> CORRER COM: Acompanhar o outro nas trajetórias; estabelecer parcerias.

<sup>7</sup> LADO A LADO: Relação horizontal entre pessoas.

<sup>8</sup> ESTAR JUNTO: Ser companheiro, ser amigo; oferecer ajuda/apoio.

<sup>9</sup> ESTAR LIGADO: Estar atento.

<sup>10</sup> BOY: De “*playboy*”, aquele que possui boa condição financeira.

6. Situação financeira (em salários mínimos)
7. O que gostavam de fazer
8. O que não gostavam de fazer

Então, uma briga na sala. Cadeiras voando, palavrões, murros. Entro no meio, separo, tento entender. Os alunos tremem, suas feições são agressivas, tensas. Converso com um, depois com o outro. O motivo da briga: provocações e um palavrão que remetia a mãe de um deles. Boto-os frente a frente para pedirem desculpas. Resistem, mas pedem. Olham nos olhos. Conversamos pessoalmente. Terminamos. Consigo 11 entrevistas, 5 entrevistados. Uma redação que mais parece um pedido de socorro, pois a aluna sofre constantemente o *bullying*.

## II

A Ceilândia é a Região Administrativa do Distrito Federal de número IX. Seu nome é um reflexo de sua história; a sigla C.E.I. significa Campanha de Erradicação de Invasões. A etimologia da palavra “erradicar” é de origem latina, formada pelo sufixo “EX-” (para fora) com o radical “RADICARE” (enraizar), logo, desarraigar, arrancar as raízes. Esse nome ilustra bem as ações políticas de realocação dos construtores do Distrito Federal para as margens, com um movimento violento de segregação social e espacial. Até hoje a Ceilândia passa por lutas territoriais. Dentre outras características que determinam sua marginalização, a cidade apresenta um baixo grau de escolaridade, fator que dificulta o desenvolvimento da cidadania desses moradores.

Segundo a Constituição Federal de 1988, a educação que é “direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade”. No entanto, a realidade das escolas públicas da Ceilândia mostra o contrário. As crianças não mostram grande interesse pelas aulas, assim como os professores em ensiná-las. Ademais, as crianças relatam que as condições de suas famílias são problemáticas e, por isso, realizam seus **corres**<sup>11</sup>, seja abandonando a escola para trabalhar ou optando pelo crime para conseguir dinheiro e/ou *status*.

Essas crianças vêm das famílias que construíram Brasília. Os avós ou pais foram trabalhadores advindos, principalmente, da Região Nordeste, em busca de benfeitorias. Esses moradores que foram erradicados de vilas operacionais lutaram e ainda lutam por melhorias de vida e dignidade.

---

<sup>11</sup> Necessidades financeiras diárias.

A partir desta pesquisa, percebe-se que o fato desses moradores passarem por mudanças frequentes (da região Nordeste às vilas operárias e, posteriormente, às RAs) revela uma instabilidade na construção de identidade dos mesmos, que não conseguiam adaptar-se a um espaço. Esse coeficiente é sinalizado no *rap*<sup>12</sup>, gênero musical que é presente na RA desde seu início.

A tradição pela busca de cidadania e dignidade, na Ceilândia, se manifesta a partir da estética do *rap*. As letras dos *rappers* ceilandenses fazem denúncias das mazelas, preconceito e violências que sofrem os moradores da cidade; nas composições, é possível encontrar a frequência de expressões que afirmam a Ceilândia enquanto *quilombo*<sup>13</sup>. E é através das declarações das canções *rap* que cantores e grupos movem a comunidade ceilandense para que ela tenha conscientização e esforce-se por direitos básicos.

Ao que a história comprova até hoje, a Ceilândia não tem na sua concepção a formação territorial de um local que servia como um “agrupamento de negros fugidos [...] ainda que não tenham ranchos levantados em parte despovada nem se achem pilões neles”, como sugeria o Conselho Ultramarino de 1740 (*apud* CARRIL, 2006, p. 52); tampouco a perspectiva antropológica da Associação Brasileira de Antropologia (1989) que vê o *quilombo* enquanto “toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos, vivendo de cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado”<sup>14</sup>. Por que, então, o *rap* da Ceilândia se utiliza de termos como *quilombo*, *escravidão*, *Zumbi* e *abolição* como correspondência da luta histórica da cidade?

### III

“A questão da infância abandonada [...] a criança cresce sem nenhum apoio, é marginal, é fabricada pela sociedade e depois a própria sociedade mata. Ou seja, a classe dominante fabrica e depois mata o marginal”.  
(documentário *ORÍ*<sup>15</sup>, 1989)

---

<sup>12</sup> Rap é a sigla de rhythm and poetry (ritmo e poesia). Esse movimento surge no distrito do Bronx (Nova Iorque). É um movimento de negros, descendentes de africanos escravizados que foram trazidos às Américas, e de latinos que migraram para os Estados Unidos, pós Segunda Guerra, em busca de melhores condições de vida. (TEPERMAN, 2015).

<sup>13</sup> “O nome original vem de Angola, que em determinado momento da história da resistência angolana queria dizer acampamento de guerreiros na floresta, administrado por chefes rituais de guerra” (NASCIMENTO *apud* RATTS, 2006).

<sup>14</sup> Disponível em Cultura.RJ <<http://www.cultura.rj.gov.br/materias/a-forca-do-legado-afrobrasileiro>>. Acesso em: 18/04/2017.

<sup>15</sup> O documentário, lançado em 1989, é o resultado de pesquisas de 10 anos. É um trabalho colaborativo entre a cineasta e socióloga Raquel Gerber e a historiadora Beatriz Nascimento. O filme retrata discussões sobre a cultura

Considerar a Ceilândia um *quilombo* é um desafio, certamente. No entanto, não busco aqui uma averiguação científica para tal comprovação. Enquanto observadora e estudiosa da língua<sup>16</sup>, percebo a frequência de uso do termo *quilombo* nas canções de *rap*, assim como o resgate histórico a respeito da escravidão. O léxico presente nas músicas releva a reposta ao preconceito contra a cor negra presente até hoje no Brasil. Associar a Ceilândia como “*Quilombo dos Cantares*” é sensibilizar-me diante dessas manifestações linguísticas presentes, gradativamente, na cidade. E para a Ceilândia, o que é o *quilombo*? Para conseguir respostas dentro dessa enigmática metáfora, corro às fontes. A primeira delas é o Sarau V.A., movimento que ocorre na Ceilândia desde 2013 e, na minha concepção, uma das mais importantes nascentes de artistas locais. De lá, ouvem-se poemas, samba, coco, *raps*; se manifestam também o *break*, o *DJ*, e claro, o quinto elemento do *Hip Hop*<sup>17</sup>: o conhecimento<sup>18</sup>.

A segunda fonte é a escola. Escolher uma instituição de Ensino Fundamental não aconteceu de forma randômica. Segundo os dados da Infopen, a maior parte da população carcerária sequer completou essa etapa da Educação Básica. Além disso, segundo o recenseamento, a maioria é negra. Interessante, para respaldo, que não há a opção “pardo” como raça, cor ou etnia nessa pesquisa. Enquanto isso, no IBGE, o grande censo de pesquisas quantitativas no Brasil, a maioria dos brasileiros se auto declara parda. Questionar quem é o branco ou negro no Brasil não é necessariamente o foco dessa investigação, mas este dado é instigador para futuros levantamentos. Até porque não havia apenas negros nos quilombos, como hoje não há apenas negros nas favelas e periferias do Brasil.

A maioria na Ceilândia (34,1%) tem o primeiro grau incompleto –coincidentemente? Eu não diria. Daí a importância de cortar o problema pela raiz. A campanha de erradicação na Ceilândia continua no sentido do extermínio velado que ainda ocorre na região. Ao serem negados direitos básicos como saúde e educação, é negado também o direito à cidadania dos

---

negra no Brasil entre as décadas de 1970 e 1980 e conta a história de Beatriz Nascimento, militante negra que pesquisa a História dos "Quilombos" da África do século XV ao Brasil do século XX.

<sup>16</sup> Para o Funcionalismo, “a língua é um instrumento de interação social, cujo correlato psicológico é a competência comunicativa, isto é, a capacidade de manter a interação por meio da linguagem. Segue-se que as descrições das expressões linguísticas devem proporcionar pontos de contato com seu funcionamento em dadas situações. A Pragmática é um marco globalizador, dentro do qual se deve estudar a Semântica e a Sintaxe”. (CASTILHO, 2010, p. 64).

<sup>17</sup> Os principais elementos que compõem o *Hip Hop* são o *DJ* (músico), o *break* (dança), o *grafite* (arte visual) e o *MC* (mestre de cerimônias).

<sup>18</sup> Em 1977, o músico Afrika Bambaataa passa a argumentar a existência de um quinto elemento no *Hip Hop*, o conhecimento. A ideia era reforçar a potencialidade do movimento como um instrumento de transformação social ligado às lutas do movimento negro (TEPERMAN, 2015, p. 27).

componentes dessa cidade. Na letra “Negro drama”, de Racionais MCs, Mano Brown relata as privações vividas pela população periférica em São Paulo.

O trauma que eu carrego  
Pra não ser mais um preto *fodido*.  
O drama da cadeia e favela:  
Túmulo, sangue,  
Sirenes, choros e velas.<sup>19</sup>

Mas essa também é uma característica do *rap* ceilandense. No documentário “*Rap, o canto da Ceilândia*”<sup>20</sup>, os *rappers* locais relatam sua chegada na cidade ainda pequenos, vindos da Vila do IAPI. Eles contam os preconceitos que sofriam por serem moradores da Ceilândia e também narram o processo de construção da cidade, assim como algumas conquistas locais. Na obra do grupo Câmbio Negro<sup>21</sup> também há relatos de contratempos comuns das periferias. Este fora um dos primeiros grupos de *rap* da Ceilândia e um dos grandes precursores do gênero no Brasil. A letra “Sub-raça” revela a insatisfação dos moradores:

Agora **irmãos**<sup>22</sup>, vou falar a verdade.  
A crueldade que fazem com a gente  
Só por nossa cor ser diferente;  
Somos constantemente assediados pelo racismo cruel.<sup>23</sup>

É relevante reconhecer nas letras de *rap* que o drama maior que ocorre nas favelas e periferias atinge majoritariamente os negros.

E lá, nesta escola da CEI, reflito sobre tudo isso. Acompanho os alunos, observo seus discursos e ensaio nossas aulas. Eles, os grandes personagens deste espetáculo, são também os melhores sinalizadores que me auxiliam na composição das aulas que seguem. E para alcançarmos a cadência conjunta, ouvimos *raps*, debatemos a cidade e eles correspondem o aprendizado em consonância através de textos escritos, depoimentos e ações.

---

<sup>19</sup> Faixa 5 do CD “Nada como um dia após o outro dia” (2002) do grupo Racionais MCs. Acesso em 27/05/2017 às 17:35 em <<https://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/negro-drama.html>>.

<sup>20</sup> Adirley Queirós, 2005.

<sup>21</sup> Desde o final da década de 1980, o grupo ceilandense entra na cena musical da cidade como representante do *gangsta rap*. O estilo é “caracterizado por batidas pesadas e sombrias e letras politicamente engajadas e agressivas, retratando os aspectos mais duros da realidade social em comunidades desprivilegiadas (TEPERMAN, 2015, p. 97).

<sup>22</sup> IRMÃO: Amigo; pessoa no qual se tem afinidade ou empatia.

<sup>23</sup> Faixa 13 do CD “Sub-raça” (1993) do grupo Câmbio Negro. Acesso em: 24/05/2017 às 22:12 em <<https://www.vagalume.com.br/cambio-negro/sub-raca.html>>.

E quando a professora já foi aluna? E quando a pesquisadora já foi o objeto? Relato uma experiência vivida a partir da busca de direitos, cidadania e construção destes alunos, filhos do *quilombo* Ceilândia.

## CAPÍTULO 1

### Novos *quilombos*, velhas doutrinas

#### I

Enfim, o filme acabou *pra* você.  
A bala não é de festim,  
Aqui não tem dublê.  
Para os manos da Baixada Fluminense à Ceilândia,  
Eu sei, as ruas não são como a Disneylandia  
(Racionais MCs – *Capítulo 4, Versículo 3*)<sup>24</sup>

Evidentemente a questão de cor, dentro do universo *quilombo*, levanta questionamentos. São de fato apenas negros que compõem os *quilombos* urbanos?

A pesquisadora Carril (2006) desenvolve um trabalho na Geografia que estuda a formação do *quilombo urbano* nas hiperperiferias da metrópole paulista. Ela identifica a busca de identidade sociocultural de cantores do movimento *Hip Hop* a partir da auto representação *quilombola*. A autora averigua o processo histórico do *quilombo* na reprodução de uma luta contra a escravidão, representada pelo “quadro social, econômico e psicológico” no qual os negros, segundo a autora, ainda vivenciam (CARRIL, 2006, p. 243). Mesmo não havendo uma padronização de cores nas periferias, é possível averiguar que o negro ainda está em desvantagem social.

Na experiência em sala de aula, ao interrogar-lhes a cor, a maioria se autodeclara negra, dentre eles, o aluno que já fora preso e que acredita que, para realização de seus **corres**<sup>25</sup> é preciso recorrer a vida do crime. “E por que?”, lhe questiono? Será mesmo esta sua única opção?

Retomo o pensamento de Carril (2006) que compreende a construção de uma negativa imagem do negro como resultado de uma desigualdade estruturada em caráter social. “Ela é profunda e se remete a ausência de direitos, à exclusão da voz social e a superexploração típica da condição do negro” (CARRIL, 2006, p. 243). E esse silenciamento e exclusão estão enraizados culturalmente, no qual o negro se vê em condição fatal, devido a cor de sua pele.

---

<sup>24</sup> Faixa 4 do CD “Sobrevivendo no inferno” (1997) do grupo Racionais MC’s. Acesso em 19/05/2017 às 16:15 em < <https://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/capitulo-4-versiculo-3.html>>

<sup>25</sup> Forma de conseguir dinheiro.

O extermínio de negros no Brasil é histórico, e a condição fatalista resulta em estereótipos ligados a “cor de ladrão”. O jovem periférico, em especial o negro, é vítima de aniquilamento, outrora pela mão dos capitães do mato e hoje pela polícia. E a justificativa, encontrada nas letras de *rap*, estão ligadas a pobreza e a cor. Em letras como “Boa Esperança”, do *rapper* Emicida, essa crítica fica evidente nos seguintes trechos:

E os *camburão*, o que são?  
Negreiros a retrafficar  
Favela ainda é senzala, **Jão**<sup>26</sup>  
Bomba relógio prestes a estourar  
[...]  
Nessa equação chata, policia mata? PLOW!  
Médico salva? Não! Por que? Cor de ladrão<sup>27</sup>

E, evidentemente, a “cor de ladrão” o qual ele faz menção não é a branca. A analogia feita entre navios negreiros e os camburões da polícia declara a violência que sofrem os periféricos referente ao militarismo policial. E as cidades que crescem esmagam paulatinamente às margens o trabalhador informal, o pobre, o negro. Isso em consequência de uma especulação imobiliária que distancia as classes pobres rumo às margens, distanciando-os dos centros - as grandes concentrações econômicas. E os centros, portanto, recorrem de melhor qualidade em serviços prestados à população, como saúde, educação e lazer, previstos na Constituição Federal:

## CAPÍTULO II DOS DIREITOS SOCIAIS

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

O Plano Piloto, por exemplo, abriga uma quantidade superior de hospitais e redes de saúde públicos; mas quem de fato utiliza esses hospitais? Sendo a periferia mais distante, nessa

---

<sup>26</sup> JÃO: De “João”, vocativo relacionado a qualquer pessoa no qual não se sabe ou não é necessário especificar o nome.

<sup>27</sup> Faixa 10 do CD “Sobre crenças, quadris, pesadelos e lições de casa” (2015) do cantor Emicida. Acesso em: 24/05/2017 às 22:30 em <<https://www.vagalume.com.br/emicida/boa-esperanca.html>>.

circunferência<sup>28</sup>, o negro é ainda mais constricto na disputa territorial e de cidadania. A pesquisadora Carril (2006) contrasta a presença de afrodescendentes nas “hiperperiferia”, em relação a “bairros mais equipados”:

A afirmação faz-se pelo contraste entre a pequena presença de população afro-descendente nos bairros mais equipados da cidade e sua grande presença nos que aqui formam a hiperperiferia. Por sua vez, ao crescimento da criminalidade e da violência correspondem a reificação da cor no crime. É o retorno das classes perigosas que traz de volta o medo que as elites do século XIX tinham das sublevações dos escravos. Agora, a mídia reforça o preconceito ao enfatizar a categoria racial quando relata o assalto, o furto e o sequestro. (CARRIL, 2006, p. 247)

Chamar a periferia de *quilombo* é resgatar uma simbologia de resistência e luta. Nesses locais, o *rap* representa fortemente essa luta em suas letras ao tratarem as problemáticas da periferia enquanto *quilombo*. E esse *aquilombamento* ocorre no momento que a periferia se identifica com o negro escravizado. Nessa perspectiva, Carril (2006) afirma:

Não houve ainda a alforria, segundo algumas interpretações, porque falta emprego, infraestrutura urbana, e a exploração do trabalho destituiu o acesso àquilo que a sociedade de consumo apresenta como modelo da cidadania. Retira mesmo as condições mínimas de reprodução social. Os capitães do mato foram substituídos pelos policiais, afundindo a uma população étnica específica como alvo de controle policial. (CARRIL, 2006, p. 244)

No *rap*, há ainda outros exemplos que expõem essas problemáticas. O CD “Aqui Vamos Nós” do grupo Sobreviventes de Rua, apresenta um poema que faz menções ao tempo da escravatura ao relatar a morte de uma mulher negra. Ela leva um tiro de um policial, como relata o trecho:

O camburão do braço armado do Estado brasileiro  
Se confunde com os porões de um navio negreiro

---

<sup>28</sup> Nesse sentido, parto da etimologia da palavra “periferia”. PAIRI quer dizer “ao redor” e é aparentado com o Grego PERI-, “ao redor”. Acesso em 19/06/2017 às 02:42 em <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/periferia/>> .

Nos campos de concentração da ditadura  
O extermínio não se interrompeu pra quem carrega a pele escura<sup>29</sup>

O cantor Criolo também incorpora o discurso crítico contra o militarismo **dos canas**<sup>30</sup>.  
Outrossim, faz menção de palavras que remetem tanto a luta negra quanto a luta de classes, ao declarar:

“A beleza de um povo, a favela não sucumbi  
Meu lado África, aflorar, me redimir  
O anjo do mal alicia o menininho  
Toda noite alguém morre  
Preto ou pobre por aqui  
Nin Jitsu, Oxalá, capoeira, jiu jitsu  
Shiva, Ganesh, Zé Pilin dai equilíbrio  
Ao trabalhador que corre atrás do pão  
É humilhação demais que não cabe nesse refrão”<sup>31</sup>

E se a Ceilândia, essa periferia, não tem um aglomerado de pretos, onde estão? É devido a essas violências e preconceito velado, torna-se preferível identificarem-se enquanto pardos. Primeiro porque, devido a histórica repressão contra as pessoas de cor negra, não há incentivo algum para que se tenha orgulho da cor. Com isso, foi-se perdendo a representatividade para que o sujeito negro pudesse se identificar. O cruel resultado disso são indivíduos que sequer tem noção de sua etnicidade e acabam por declarar-se pardos. E que cor é essa?

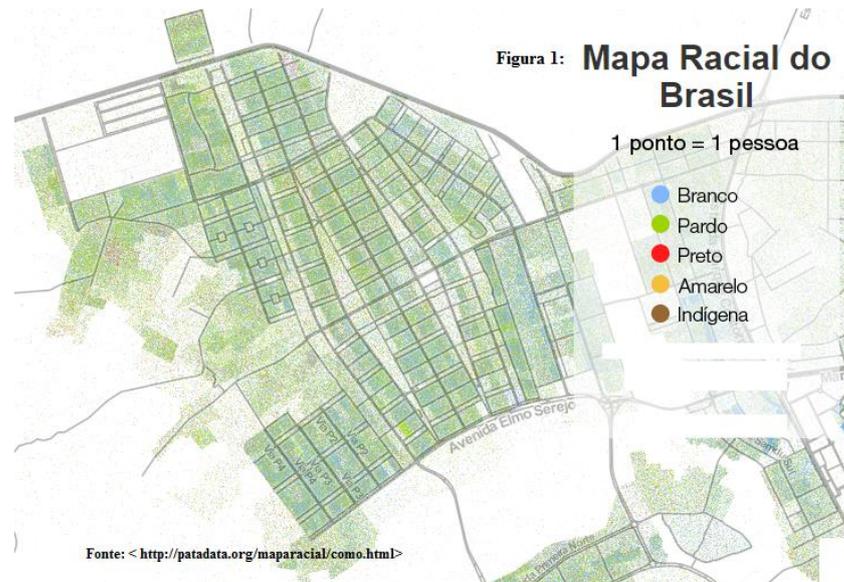
O site “Pata” apresenta um mapa interativo baseado nos dados do Censo IBGE de 2010. No mapa, é possível observar a distribuição geográfica, densidade demográfica e diversidade racial do povo brasileiro. Nota-se a forte presença de pardos na Ceilândia, como a Figura 1:

---

<sup>29</sup> Faixa 6 do CD “Aqui vamos nós” (2015) do grupo Sobreviventes de Rua.

<sup>30</sup> CANA: Polícia.

<sup>31</sup> Faixa 1 do CD “Convoque seu Buda” (2014) do cantor Criolo. Acesso em: 29/05/2017 às 12:49 em <<https://www.lettras.mus.br/criolo/convoque-seu-buda/>>.



Outro fator considerável é que, nas periferias e favelas, os negros continuam a ser exterminados. Os relatos das músicas *rap* e dos alunos ceilandenses apresentam a insatisfação com as ações policiais que são contra esse grupo. Ademais, sabemos que a concentração de negros na periferia, sendo maior, acarreta em um problema diretamente ligado a cor.

Todavia, a cidadania será concedida ao negro caso ele não esteja em situação de vulnerabilidade. Lembro-me de Lourdes Carril (2006) ao utiliza-se do discurso de Oracy Ribeiro que diz: “No Brasil, o negro rico é branco, o branco pobre é negro” (*apud* CARRIL, 2006, p. 239). E continua:

O branco, o negro, o caboclo e o mameluco são híbridos de um processo histórico de uniões inter-raciais, ressaltando que o *mito da democracia racial* se construiu ideologicamente pela miscigenação. Ocultando as distâncias entre as classes sociais.  
(CARRIL, 2006, p. 242, grifo meu)

Nesse sentido, o sociólogo Clóvis Moura (1983) identifica que há na história do Brasil uma ideologia que ignora as origens étnicas do negro. O autor detecta o mito da *democracia racial* como “um elemento desarticulador da consciência crítica e revolucionária do negro brasileiro” (MOURA, 1983, p. 31).

A falsa ideia de que há uma *democracia racial* leva ao ideal de que não há preconceito no país. Ao refletir a mestiçagem no Brasil, questiono-me: Quem é o preto? Que é o pardo? Esse processo, de mestiçagem, começa desde a invasão portuguesa, há mais de 500 anos atrás.

Ao chegarem aqui com penas e espadas nas mãos<sup>32</sup> de forma altamente violenta e impositiva, não é absurdo conceber que o estupro também estava nestes contatos. O negro, sempre colocado à margem, chegando em condição periférica de escravizado, está inferiorizado dentro das relações verticais na sociedade. Evidentemente passavam por estupros, debate ainda recente no discurso feminista dentro das periferias. O filho da negra estuprada, escravizada, animalizada, não poderia ser um filho legítimo ou sequer ter legitimidade, como ela também não tinha.

A ideia de mestiçagem no Brasil, no entanto, não resolve as questões de quem se encontra no dilema de não ser nem branco, nem negro. A cor passa a ser uma permuta, no qual, em alguns casos, ser menos escuro pode funcionar como uma promoção para acessibilidade.

E quando as periferias concebem uma identificação com o *quilombo*, sentem-se representados, parte-se de uma concepção de um imaginário de resistência. A imagem do *quilombo* diretamente ligada a uma população unicamente de negros é utópica, uma vez que os *quilombos* nunca foram completamente negros, pois havia índios e brancos na composição de sua história (CARRIL, 2006, p. 238).

Do início, a favela concentra majoritariamente a população negra, mas, a partir da década de 1950, correntes migratórias de trabalhadores negros e brancos, sobretudo nordestinos, também passarão a avolumar a contingente favelado. (CARRIL, 2006, p. 230)

Carril (2006) entende que o *quilombo* “se tornou um forte símbolo da luta de liberdade” (CARRIL, 2006, p. 238). E aqui, retoma-se a questão da cor no sentido da desigualdade.

Em entrevista com o *rappers* e professor Leonardo Ortegá, do Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília, percebo em sua fala características que ilustram os fatores citados acima:

Hoje, penso *quilombo* com essa chave de novas epistemologias de realidade da população negra no Brasil: diáspora<sup>33</sup>, genocídios. A partir de diáspora e genocídio, você tem um povo que vem de uma diáspora nordestina, uma população que tem que viver em um país que é hostil. Eles vêm de África para o litoral, do litoral para o centro do

---

<sup>32</sup> Faço referência ao verso de Luís de Camões (1572) “Numa mão sempre a espada, e noutra a pena” encontrado no Canto VII do livro “Os Lusíadas” (DE CAMÕES, L. V. *Os Lusíadas*: Canto VII. São Paulo: Martin Claret, 2000).

<sup>33</sup> Silva (2000) caracteriza *diáspora* como “Dispersão, em geral forçada, de um determinado povo por lugares diferentes do mundo. Na análise pós-colonialista, destacam-se a diáspora dos povos africanos, causada pelo comércio escravagista, e o movimento contemporâneo de migração –visto como uma diáspora– dos povos das antigas colônias europeias para suas antigas metrópoles” (*apud* STROBEL, 2008, p. 33).

país (geograficamente), e daí para uma periferia dentro desse quadradinho central. Esse movimento de tentativa de ocupação de espaço, de afastamento de espaço, coloca a população como uma metáfora do que vemos historicamente. Nesse sentido, considero que parte do movimento de Ceilândia, sobretudo quando ela estava se estabelecendo, tenha esses traços, essa natureza *quilombola* por parte de grandes segmentos.

## II

A Ceilândia é resultado de “sangue, suor e lágrimas”<sup>34</sup>, fala que, segundo o cantor X confirma a dificuldade dos moradores em se estabelecerem na RA. Não apenas por serem retirados - contra a própria vontade - de seus lares que ficavam próximos a Brasília, mas também por terem diversas limitações que impediam sua dignidade enquanto pessoas humanas. A luta dos candangos que construíram a capital foi em prol da garantia de “um pedaço de chão”, como afirma o cantor.

A construção de Brasília foi com o intuito de ser a sede político-administrativa do país, portanto habitariam apenas os servidores públicos que trabalhariam nela (PESSOA, 2009). A obra foi realizada por trabalhadores advindos, principalmente, da Região Nordeste. Segundo Tavares (2009), o censo de 1958 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) alega que 43% da população do Distrito Federal era da Região Nordeste. Em massa, eles vinham em direção ao Centro-Oeste em busca de melhorias e qualidade de vida.

A maioria dos trabalhadores optou por continuar na região após a construção de Brasília, alojados nas vilas operárias que construíram nas proximidades do Plano Piloto. Eram alojamentos provisórios que abrigavam os candangos - termo que, segundo Tavares (2009), é de natureza pejorativa. “Candango” é de origem africana (quinbundo<sup>35</sup>); foi usado por portugueses que se referiam aos negros no período colonial. Uma das hipóteses levantadas por Tavares (2009) a partir de sua investigação é a de que o termo fora inspirado no nome de um cachorro que habitava o Palácio do Catetinho. Tendo Kubitschek sabido disso, chamava os operários – em especial os nordestinos - de tal forma.

Outra hipótese é a de que o termo “operários” era designado aos trabalhadores de maior prestígio (como arquitetos e engenheiros) e “candango” à mão de obra explorada nas jornadas de trabalho (TAVARES, 2009, p. 67). Uma das vilas que fortemente foi transferida para a área

---

<sup>34</sup> Fala do documentário “Rap, o canto da Ceilândia” de Adirley Queirós, 2005.

<sup>35</sup> Língua de origem banto, falada em Angola pelos ambundos.

que seria a Ceilândia foi a Vila do IAPI. A vila era repleta de barracos pouco estruturados, erguidos por madeira, papelão e zinco; eles não possuíam serviços básicos como de energia, água e esgoto. Os ceilandenses sobreviveram a tudo isso e, sem dúvida, graças ao sentimento coletivista que uniu a cidade.

Em 1970, a população das vilas passava de 70.000 habitantes, portanto, o governo constrói a Estrada Parque do Contorno que contornava o Plano Piloto em prol de sua conservação. Ele alegava que as áreas que as vilas se situavam poderia causar riscos ao saneamento básico da capital. Essa divisão – chamada por Ammann de “saneamento estético” (*apud* PEREIRA, 2016, p. 2) - foi um movimento segregatório, uma limpeza visual que afastou as classes baixas do centro administrativo; enquanto isso, as classes média e alta se favoreceram espacialmente ao ficarem em áreas como o Guará e Lago Sul, próximas a capital.

A distância da Ceilândia ao Plano (cerca de 30km)<sup>36</sup> dificultou ainda mais a situação dos moradores. Eles estavam distantes de serviços como escola, hospitais e lazer; estavam distantes, principalmente, de seus empregos, localizados majoritariamente no Plano.

Hoje, a Ceilândia ainda passa por lutas territoriais. O Pôr do Sol e Sol Nascente são as áreas mais pobres de Ceilândia –ainda em processo de regulamentação. Eram chácaras que foram divididas, vendidas e invadidas por pessoas que até hoje sofrem com as derrubadas que ocorrem regularmente nos locais.

### III

Povo africano, latino americano,  
Os *preto tá* rimando, arma de 500 anos.  
Revolução Brasil vê povo no poder  
Contra o capitalismo nada temos a temer  
Desligue a TV, vem vem pra rua sim  
A geração Palmares que nunca vai morrer  
Nosso espírito de luta não se entrega, não se vende.  
(Sobreviventes de Rua - *Aqui vamos nós*)<sup>37</sup>

O grupo Sobreviventes de Rua relata a militância negra e se utiliza de ditos como “povo africano” e “geração Palmares” para representar a resistência e luta ceilandense por cidadania. Além disso, reconhece o rap como uma arma de revolução há “500 anos”. Evidentemente, o

---

<sup>36</sup> Codeplan (2007). Disponível em <  
[http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/Colet%C3%A2nea%20das%20RAs/RA\\_Ceilandia.pdf](http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%C3%B4micas/Colet%C3%A2nea%20das%20RAs/RA_Ceilandia.pdf)> .

<sup>37</sup> Faixa 2 do CD “Aqui vamos nós” (2015) do grupo Sobreviventes de Rua.

*rap* não existe há 500 anos, mas o grupo procura retratar que a luta negra se faz desde a chegada do africano escravizado no Brasil, sendo o *rap* mais uma dessas ferramentas na luta do movimento negro.

É facilmente perceptível que o *quilombo* surge no *rap* como uma expressão alusiva. As reproduções dos autores mostram a necessidade por representação. Sabemos que o escritor romântico do século XVIII buscava soluções dentro das problemáticas da época a partir da fuga, fosse na infância ou nos pioneiros de sua história (os cavaleiros medievais em Portugal, e o índio no Brasil). Dessa forma o faz o negro, quando busca valor no passado ancestral, no *quilombo*, em Zumbi dos Palmares. Não deslegítimo a luta do negro a partir de tal comparação, mas reconheço a necessidade por simbologias de representação na estética.

As mazelas descritas no *rap* tratam de realidades vividas por parte de uma população abandonada. Assim, a busca das periferias por cidadania vai se revelar no *rap* com a retomada do termo *quilombo*. Beatriz Nascimento (1989) afirma:

Então, nesse momento, a utilização do termo *quilombo* passa a ter uma conotação basicamente ideológica, basicamente doutrinária, no sentido de agregação, no sentido de comunidade, no sentido de luta como se reconhecendo homem, como se reconhecendo pessoa que realmente deve lutar por melhores condições de vida, porque merece essas melhores condições de vida desde o momento em que faz parte dessa sociedade.  
(NASCIMENTO. 1989 *apud* RATTS, 2006, p. 53, grifo meu)

Para Nascimento (1989), o conceito de *quilombo* parte de uma visão simbólica, metafórica, diria. Ela foi uma historiadora que levou os conceitos de *quilombo* para além do academicismo. Para ela, *quilombos* urbanos são ressignificados pela favela como um lugar de “continuidade de uma experiência histórica que sobrepõe a escravidão à marginalização social, segregação e resistência dos negros no Brasil” (RATTS, 2006, p. 11).

O *quilombo* no século XIX tivera um significado ligado a um instrumento ideológico de libertação da exploração de trabalho. Assim, o *quilombo* não é visto como uma instituição, mas como resistência étnica e política. A primeira, devido ao auto reconhecimento com a identidade negra e a segunda remete as lutas e procura de cidadania e participação política nos espaços.

Os cantores de *rap* buscam cantar o *quilombo* como uma forma de liberdade de expressão, pois reconhecem a exclusão que sofrem e as vocacionam através das canções. É uma

maneira de expor as mazelas, denunciá-las dentro de uma estética aprovada pelos moradores de periferia, em especial, os jovens.

Hoje, os *quilombos* denunciam a conjuntura das políticas desiguais nas periferias do Brasil mediada “pelos investimentos dos bairros de classe média e alta enquanto os pobres são empurrados para o ‘fundão’”, como afirma Milton Santos (SANTOS, 2001 *apud* CARRIL, 2006, p. 211). Assim, o *quilombo* reaparece representado na música, retomando uma problemática histórica no Brasil relacionada a discriminação da cor negra e da desigualdade social.

## CAPÍTULO 2

### *Linguística aquilombada*<sup>38</sup>: da importância dos estudos funcionalistas na favela

#### I

A ocupação territorial do Brasil, embora tenha ocorrido a mando de Portugal, foi feita por uma população não-branca. Desde a ocupação da costa à formação das cidades mineiras no ciclo do ouro, a conquista territorial brasileira deve ser atribuída, principalmente, ao negro e ao índio (ILARI, 2009).

Ademais, a difusão do português ocorreu por parte desses agentes, que transmitiam de gerações para gerações características que tinham presença marcante de línguas africanas e indígenas - no vocabulário, na sintaxe e na fonética - em uma deriva imprópria. Já o português oficial, falado por uma pequena população, era mais resistente a mudanças, principalmente na escrita. No livro *O Português da Gente* (2009) de Rodolfo Ilari, há uma tabela que ilustra a distribuição populacional de etnias no Brasil, como demonstrado abaixo:

	<b>1538-1600</b>	<b>1602-1700</b>	<b>1701-1800</b>	<b>1801-1850</b>	<b>1851-1890</b>
<b>africanos</b>	20%	30%	20%	12%	2%
<b>negros brasileiros</b>	-	20%	21%	19%	13%
<b>mulatos</b>	-	10%	19%	34%	42%
<b>brancos brasileiros</b>	-	55%	10%	17%	24%
<b>européus</b>	30%	25%	22%	14%	17%
<b>índios integrados</b>	50%	10%	8%	4%	2%

Fonte: Mattos e Silva (2004a). Note-se que aumenta progressivamente a proporção de mulatos, ao passo que diminui a de africanos e índios integrados.

#### II

Uma característica das línguas é seu dinamismo. A Sociolinguística Variacionista de Labov (1972) deixa clara essa qualidade, pois defende que as estruturas linguísticas se tornam heterogêneas em consequência das diferentes características encontradas entre e dentro das comunidades de fala. Assim, os falantes podem se referir a um mesmo aspecto de forma

---

<sup>38</sup> Utilizo-me de tal termo para fazer referência metodologias de ensino de língua voltadas à realidade das escolas públicas de periferias, favelas e quilombos urbanos do Brasil.

particular, pois utilizam efetivamente sua capacidade comunicativa de manifestarem-se em diferentes níveis. Fatores como os espaços geográficos, as classes sociais, idade e níveis de escolaridade determinam essas manifestações linguísticas dessemelhantes.

Os diálogos dentro de periferias mostram o dinamismo das línguas<sup>39</sup>. Assim, é incontestável que essas populações carregam fortemente traços próprios da variação coloquial do português; mas, além disso, apropriam-se de um vocabulário que retoma o tempo da colonização e escravidão no Brasil. Quando os falantes adotam condutas de *aquilombamento* em prol de visar o desenvolvimento de dinâmicas nas favelas, retomam tanto os termos quanto as práticas ligadas a uma ancestralidade; ou ainda, a uma necessidade de representatividade.

Dentro do curso de Português do Brasil como Segunda Língua (PBSL), é possível abrir o leque de debate quanto aos públicos alvo<sup>40</sup> que o curso atende, com a intenção de desenvolver a questão da educação nas periferias do Brasil. Mas isso apenas tonar-se-á possível quando a linguagem de periferias for reconhecida como autônoma e idiossincrática. A linguagem dessas comunidades, usada para o desenvolvimento, para as inter-relações e para construção cognitiva se torna um instrumento de comunicação, e é preciso reconhecer isso.

A Ceilândia, por exemplo, utiliza-se do movimento *Hip Hop* como um elemento compassivo, pois relata a realidade, ao passo que reconhece as mazelas enfrentadas diariamente, e verifica maneiras de sobrevivência e resistência para a cidade e seus moradores. E ao povo ceilandense, é congruente a linguagem utilizada para fazer tais denúncias, pois os falantes se reconhecem nas canções. E é partir desses pressupostos que infiro o quão importante é aos jovens marginalizados que se disponham de uma linguagem que lhes dê representatividade no processo de escolarização. Segundo Faulstich (2015):

Harmonizar línguas é combinar sistemas, de modo que o resultado seja uma relação abstrata no plano discursivo – a harmonização linguística - que expõe, no léxico e na gramática, a representação de um bilinguismo explícito por causa da conformidade conceitual consistente entre signos. (FAULSTICH, 2015, p. 1)

---

<sup>39</sup> A exemplo, é possível observar nos *raps* até agora citados a variação entre os termos *favela*, *periferia* e *quilombo* para fazer referências às populações que vivem em áreas marginalizadas em relação aos centros urbanos.

<sup>40</sup> Segundo o site do Departamento de Linguística, Português Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, o curso de PBSL é voltado para profissionalizar futuros professores para o “ensino da língua portuguesa para falantes e usuários de outras línguas, seja língua estrangeira, língua indígenas ou língua de sinais”. < <http://www.lip.unb.br/graduacao/cursos>>.

A harmonização de línguas, nesse caso, se faz no momento de contemplação de diferentes funções, objetivos e resultados conseguidos na comunicação. Considerar os elementos de comunicação das periferias é reconhecer seus caracteres simbólico e funcional.

Com a preocupação de harmonizar a variante das periferias à língua padrão, os autores da língua, seja na modalidade escrita ou falada, ampliariam os contextos de articulação, manifestação e comunicação. Nesse momento, a variante oficial do português tornar-se-ia uma segunda língua aos alunos de periferia, pois é majoritariamente utilizada em situações muito formais ou oficiais. Para os meninos, neste momento da educação é importante que estejam cientes disso, para que não criem ansiedade frente a variação padrão. Eles se queixam, pois acreditam ser uma linguagem muito distante, e esse fator só se prolifera conforme os alunos tem contato com esse português. Ao passo que os estudantes entendem a funcionalidade desse português, não apagariam suas próprias marcas de fala, mas ampliá-las-iam.

Basta que olhemos um pouco para história para ver o quão significativo é considerar a linguagem do povo. Se pensarmos na formação da consciência nacional na Europa do século XVI, perceberemos que um fator fortemente contribuinte foi o fato de poucas pessoas terem o domínio do latim e, por isso, inspirados em Lutero, vários Estados e cidades publicavam obras em línguas vulgares a fim de expandirem as vendas. Resultado disso foi um grande público leitor que incluía mulheres e mercadores (ANDERSON, 20088, p. 49). Ou seja, quanto mais se considera a língua do povo, mais autonomia e condecoração ela terá, a fim de que se facilite os processos de manifestação da língua, principalmente, no caso, na modalidade escrita.

### III

Tendo em vista os grupos alvo que o curso de PBSL pode atender, desconhecia o grupo de *quilombolas*, a princípio. E depois questionei-me: Quem são os *quilombolas*? O que é o *quilombo*? Entretanto, não pretendo generalizar o complexo contexto sociocultural de Ceilândia enquanto *quilombo*, mas reconhecer as práticas de *aquilombamento* presentes no ativismo dos componentes desse lugar.

Ao avaliar as definições quanto ao termo *quilombo*, encontro-o como oriundo de áreas banto (*kílobó*), que significava “área de homens guerreiros” (DEC, 2012, p. 647). No Brasil, no entanto foi concebido pelo colonizador como um espaço que abrigava africanos e afrodescendentes rebeldes que fugiam para locais de difícil acesso para construir seus modos de vida; o conceito chega ao Brasil para “caracterizar seus *territórios de resistência*” (DEC, 2012, p. 647). Hoje, o conceito está, também, ligado às manifestações de luta no movimento

negro no Brasil. A concepção de fugitivo está relacionada ao olhar colonial, para negros fugidos. E esses negros fugidios não simplesmente buscavam a fuga, mas condições humanas de sobrevivência. Fugiam devido à exploração de sua mão de obra e desvalorização de sua etnia, pois o ideal euro-centrista compreendia-os com um olhar incongruente. A fala de Montesquieu em 1753 ilustra bem essa visão:

Se eu tivesse que defender o direito que tivemos de escravizar os negros, eis o que eu diria:

Tendo os povos da Europa exterminado os da América, tiveram de escravizar os da África a fim de utilizá-los no desbravamento das suas terras.

O açúcar seria muito mais caro se não se cultivasse a planta que o produz por intermédio de escravos.

Aqueles a que nos referimos são negros das cabeça aos pés e têm o nariz tão achatado, que é quase impossível lamentá-los.

Não podemos aceitar a ideia de que Deus, que é um ser muito sábio, tenha introduzido uma alma, sobretudo uma alma boa, num corpo completamente negro (...) É impossível supormos que tais gentes sejam homens, pois, de os considerarmos homens, começaríamos a acreditar que nós próprios não somos cristãos (*apud* MOURA, 1983, p. 20).

Eis uma perspectiva que parte do explorador. E as consequências são incontáveis. Estando o negro em condição de marginal desde o início da história do Brasil, restaram-lhe poucas oportunidades. Portanto, fica evidente a diminuição da população negra no Brasil, ao passo que cresce o universo de mulatos (ver quadro na página 23). Estando o negro em local de desvantagem, cresce a mestiçagem no país. “Quanto menos preto, melhor”, é o que eu diria no lugar dessas pessoas. E como dizer o contrário?

As declarações voltadas ao negro, assim como aspectos relacionados a sua cultura foram ridicularizados, alegorizados. E o mesmo movimento ocorreu com a concepção de *quilombo*. Portanto, para avaliar o conceito da palavra *quilombo*, considero as palavras da historiadora Beatriz Nascimento (1989) no documentário “Orí”. Percebo o movimento de travessia da expressão, de África ao Brasil quando a autora afirma:

*Quilombo* é de origem banto, que acompanha toda a filosofia, todo o ethos do *quilombo*, o comportamento do *quilombo*. As regiões de *quilombo* de Angola nesse período do século XVI, com o mercantilismo, são regiões de exercício de grandes guerreiros, táticas, estratégias de

tomada de regiões e de ocupações e de relações com etnias que vão se encontrar na grande caminhada do reino do Ndongo para o sul de Angola. E é assim também que são os *quilombos* brasileiros, principalmente a partir de Palmares: a sua maneira de migrar para o Sul acompanha, do mesmo jeito, a guerra que acontece naquele momento com várias alianças dos reis de Angola, Nzinga, principalmente. Zinga foi uma rainha, uma Angola (significa “rainha”) que luta o tempo todo para manter a autonomia do grupo dela, daí o *quilombo*, daí a relação dela com *quilombo* de Palmares. Ela quer tanto salvar a integridade, a autonomia dela, que ela obriga o povo dela a imitar as práticas dos Imbangalas, aquele povo antropófago”.

(NASCIMENTO, *Orí*, 1989, grifo meu)

#### IV

Adentro a escola, observo o material didático e é decepcionante. A gramática tradicional ainda é a mais utilizada na instituição. E essa gramática, de caráter preconceituoso em relação às variantes que fogem do padrão do português, tem a necessidade de estabelecer padrões em busca de um uso idealizado da língua, ocorrência arcaica que se inicia desde os gregos antigos (MARTELOTTA, 2016, p.45).

Esse atributo se reflete até hoje em nossa língua. Sempre que se aponta um português “errado”, é porque esse está fora dos padrões de um português idealizado e elitizado, chamado português culto. Se observarmos mais criticamente, é averiguável que a questão da erudição da língua está ligada às relações de poder. Efetivamente as classes altas são as que têm mais contato com estruturas “corretas” (MARTELOTTA, 2016, p. 47) e, portanto, são também as classes com mais oportunidades e privilégios.

Em contrapartida estão os funcionalistas. A gramática funcionalista-cognitiva tem a preocupação de basear-se na língua em uso e considera estruturas mais complexas, como o texto e o discurso; também compreendem o dinamismo das línguas, por estarem em constante movimento e mudança.

O funcionalismo tem, como correspondente, a capacidade comunicativa de preservar a interação via linguagem e entende os papéis sociais como marcantes na escolha das estruturas linguísticas do falante. Dessa forma, penso que não é possível determinar qualquer estrutura linguística como única e pronta, tida como a mais correta, mas sim que há diferentes formas estruturais para situações e funções sociais apropriadas – *gramaticalizações* (CASTILHO, 2012).

Ao meu ver, a variação e a mudança são as características mais claras da linguagem humana. Basta observar as mudanças que sofreram as línguas desde, por exemplo, a formação da Península Ibérica ao português do Brasil atual, “[...] nem o latim nem o português são unidades estanques, línguas nascidas e cristalizadas imediatamente, com sua gramática e seu léxico de uma vez só estabelecidos” (BASSO&GONÇALVES, 2014, p. 19).

Para compreender o funcionamento da língua, é preciso assimilá-la ao contexto com o todo (MARTELOTTA, 2016, p. 63). É uma análise mais aprofundada que essa gramática faz; parte da práxis e, por isso, a considero essencial e significativa nessa pesquisa. Fato é que os alunos de periferia já têm uma língua que lhes é funcional em vários aspectos, entre eles, os **corres** diários. No entanto, essa linguagem não é suficiente em diversos campos, especialmente os oficiais.

Na perspectiva funcionalista, a gramática<sup>41</sup> não pode ser analisada distintamente ao discurso; e é possível, na prática, modelá-la conforme as necessidades. Como afirma Cunha, “a estrutura é uma variável dependente, pois são os usos da língua que, ao longo dos tempos, dão forma ao sistema” (CUNHA, 2016 p. 174). Já a linguagem é “um instrumento de interação social” (CUNHA, 2019, p. 157). E a nós, estudiosos dessa corrente, as declarações e textos são relacionados às funções na comunicação entre pessoas.

E onde estão, nas escolas, materiais didáticos que se relacionam com a realidade dos alunos? Onde estão os materiais que acompanham o movimento, a mudança, a dinâmica na linguagem deles? Onde estão, ao menos, as práticas que contempla o universo dos jovens periféricos?

Professor, me refiro a você: se parar para repensar na sala de aula, perceberá o quão desprendido está o material disponibilizado para os aprendizes. E não é preciso refletir muito profundamente para compreender que suas práticas também estão. É vulgar e desumano culpar apenas a instituição de ensino, assim como o material didático. O juízo começa olhando para si mesmo, no quão comprometido socialmente está ao entrar dentro de sala de aula ao começar esse culto que é o ensinamento.

## V

***Quilombo*** s.m. (sXVI cf. MS) 1 HIST B acampamento fortificado dos jagas, design. atribuída aos povos que

---

<sup>41</sup> “[...] conjunto de procedimentos necessários para, através da utilização de elementos linguísticos, produzimos significados em situações reais de comunicação” (MARTELOTTA, 2016, p. 63).

invadiam o Congo e Angola em fins do sXVI. 2 HIST B local escondido, ger. no mato, onde se abrigavam espaços fugidos 3 HIST B povoação fortificada de negros fugidos do cativeiro, dotada de divisões e organização interna (onde tb. se acoitavam índios e eventualmente brancos desprivilegiados socialmente) cf. *mocambo* 4 CNÇ ETM MÚS AL auto típico do Natal alagoano no qual negros e índios ou caboclos dançam vestidos em trajes que lembram os dos reisados, do auto dos guerreiros etc. cf. *toré* ETIM quimb. *kilombo* ‘união; cabana, acampamento, arraial, povoação; capital; exército’; Nei Lopes cita Adriano Parreira em AParE: “voc. *Kilombo* (nos sXV-XVII) tem uma dupla conotação: uma, toponímica e outra, ideológica. Eram assim também designados os arraiais militares mais ou menos permanentes, e também as feiras e mercados de Kasanji, de Mpungo-aNdongo, da Matamba e do Kongo. (Dicionário Houaiss da língua portuguesa).

Esta é a definição de *quilombo* segundo o dicionário Houaiss, e ela se difere de concepções encontradas nas falas dos entrevistados. Vejamos, toda língua apresenta complexidade em diferentes graus e subsistemas e está como mais um dos conhecimentos propiciados comunitariamente. Assim, a língua faz parte da cultura de todos os povos e é a maneira que os indivíduos de dada comunidade de fala têm para emitir suas necessidades e convicções. É importante lembrar que todos os povos são dotados de cultura, e é equivocado colocar sociedades como primitivas ou bestiais por terem seus valores e hábitos distintos dos “comuns” a outros povos (em geral, essa relação vertical é estabelecida nas relações de poder).

No entanto, há nitidamente estruturas mais sólidas na língua, e os falantes as modificam com estruturas não tão condensadas, assim possibilitando que a língua se adapte a contextos. Por isso, sentenciam-se o caráter versátil das estruturas.

Uma das perspectivas do funcionalismo admite uma interação entre forma e função (CUNHA, 2016, p.159). Destaco a pertinência dessa perspectiva, visto que a forma é adaptável aos contextos de uso; uma mesma informação tem sua estrutura modificada conforme o interlocutor ao qual se dirige o discurso. As funções externas, então, interferem na organização interna da língua. E é a partir dessa perspectiva que justifico a versatilidade que passou o termo *quilombo* ao longo da história do Brasil.

Há, ainda, na língua, gramaticalizações, visto que as estruturas se integram devido à necessidade de satisfazer dadas funções sociais. Logo, a Sintaxe Funcional parte do significado contextualizado para explicar a palavra e estruturas linguísticas utilizadas (CASTILHO, 2012). É observável esse processo na transformação da palavra *quilombo*. Tanto na fala dos

entrevistados, quando nas bibliografias pesquisadas é possível encontrar formas como o verbo *aquilombar*, como adjetivo *aquilombado*, como o substantivo *aquilombamento* (remete à execução da prática) e, ainda, as formas *quilombismo* e *quilombolista* encontradas no Dicionário Houaiss da língua portuguesa:

***Quilombismo*** *s.m.* (1989 cf. AEscisC) HIST resistência exercida pelo movimento dos *quilombos* contra o sistema escravagista branco; ação dos quilombolas ETM *quilombola* + *-ismo*.

***Quilombolista*** *adj.* 2g. (1988 cf. AEscisC) relativo a ou próprio do quilombolismo ETM *quilombolismo* + *-ista*, com troca de sufixo.

(HOUAISS, 2001, p. 2359)

Nas concepções funcionalistas da língua, assim como pude identificar nessa investigação, acredito que a Pragmática seja especialmente relevante, pois está atrelada aos contextos de uso da língua. A língua é instrumento da nossa natureza comunicativa e, também, instrumento de solução de problemas. Dessa maneira, além de fazer parte da cultura de uma sociedade, a língua é ferramenta da construção da própria cultura, pois é principalmente através dela que os indivíduos de uma comunidade trocam, repetem e disseminam conhecimentos. Logo, as manifestações linguísticas são de precisão humana e se modulam conforme as necessidades expressas (CEZARIO).

Cezario (2012) apresenta dois princípios para explicar o funcionalismo. O primeiro é o *princípio universal da iconicidade*, que é a relação correspondente entre forma e função, expressão e conteúdo. Apresenta os subprincípios da *quantidade* (o grau de complexidade do conteúdo está diretamente relacionado ao tamanho da forma), da *proximidade* (quanto mais significativos forem os conceitos entre si, mais significativa será sua forma morfosintática) e da *ordenação linear* (informações importantes são topicalizadas). O segundo princípio é da *marcação* que retrata as marcações nas formas em parâmetros de *estrutura*, *distribuição* e *complexidade*.

O princípio da marcação de formas verbais apresenta-se presente na fala de comunidades com condições econômicas mais carentes, periféricas e, também, em situações de fala altamente descontraídas e coloquiais –nesse último caso, perpassa por quase todas as camadas socioeconômicas, desde que em contextos de informalidade. Dentro desse princípio, a *complexidade estrutural* pode ocorrer em formas marcadas pelo plural, tanto em nomes, quanto em verbos. Outra característica é a *frequência de distribuição*, que é a ocorrência da forma não

marcada em diversas comunidades de fala. A última característica é a *complexidade cognitiva*, que se refere ao esforço mental do falante ao produzir o enunciado com a marcação padrão; esse fator pode acarretar na perda de fluidez da sentença em vários contextos de uso (CEZARIO, 2012).

Os processos de *lexicalização* são semelhantes aos de gramaticalização. Os falantes utilizam de estruturas sintáticas para novas construções semânticas, que assumem papel de nome ou verbo. Ocorre em níveis distintos, com *sintagmas parcialmente fixos*, no qual o significado e o significante estão associados com melhor clareza, e essa nitidez se distancia ao passo que há *formas complexas semi-idiossincráticas* e *formas idiossincráticas inanalísáveis* (BRINTON&TRAUGOTT *apud* CEZARIO, 2012). Assim como acontece nos processos de gramaticalização, essas mudanças ocorrem conforme a aceitabilidade de determinada comunidade de fala.

Com a repetição e aceitabilidade, a língua se torna arbitrária. Os processos de gramaticalização estão atrelados à criatividade e repetição. Diante de novas situações cotidianas, o indivíduo se depara com problemáticas de comunicação. Por esse motivo, os padrões já estabelecidos na língua não são suficientes para que ele se comunique efetivamente e de acordo com suas novas necessidades. Por consequência, o falante reutiliza as formas e estruturas de forma criativa para ressignificá-las em seu discurso. Ao passo que há aceitabilidade e entendimento dessas novas funções, elas se estabelecem e são adicionadas à língua.

No campo lexical, por exemplo, ocorre o aproveitamento do termo *quilombo* nas canções de rap. Dentro de um processo metafórico e criativo, os indivíduos têm a necessidade de implementar sua capacidade comunicativa e valem-se do vocábulo em contextos que não estão dentro da concepção de um “aglomeramento de negros escravizados”. A compreensão do interlocutor é essencial e essa nova palavra se estabiliza através do processo de repetição e aceitabilidade.

Pensar o contexto urbano de Ceilândia numa perspectiva *quilombista* também pode significar apropriar-se do termo para a criação de uma nova concepção, uma transformação na língua. E com a transformação linguística, há expressamente uma modificação nas práticas e cultura do povo. Mas qual a importância de considerar tal discurso dentro das periferias? De que modo essas mudanças acarretariam na educação linguística dos alunos nas escolas? E como poderia o *rap* contribuir para tal?



## CAPÍTULO 3

### Métodos e experiências

#### I

A trajetória desta pesquisa etnográfica exigiu o contato com experiências diversas, pois tratar-se de um assunto extremamente complexo. Qual a relação que procuro fazer entre esses três temas centrais: o *rap*, o *quilombo* e a Ceilândia. Depois, como eles estariam enquadrados em uma metodologia de ensino voltada ao desenvolvimento linguístico de crianças que estão no Ensino Fundamental (anos finais) em condição de atraso escolar?

Foi possível ver até aqui que há letras de *rap* que procuram conscientizar seus ouvintes quanto as violências contra o negro e o pobre das periferias. Para inteirar os interlocutores, os cantores de *rap* retomam o *quilombo*, a escravidão e figuras como Zumbi dos Palmares a fim de denunciar as moléstias contra os marginalizados de áreas urbanas.

Como embasamento teórico, no Capítulo 1, utilizei-me de textos como os da geógrafa Lourdes Carril (2006) e a historiadora Beatriz Nascimento (1989, 2006) que discutem questões como a condição do negro no Brasil e a formação e concepção de *quilombo* ao longo da história e na contemporaneidade. No Capítulo 2, considerei estudiosos da Linguística Funcionalista como Enilde Faulstich (2015), Mário Eduardo Martelotta (2016), Ataliba Castilho (2012) e Maria Maura Cezario (2012), pois debatem a língua com conceitos atuais e aplicáveis para os métodos de ensino propostos na experiência em sala de aula.

Finalmente, as escolhas mais importantes estão relacionadas às letras de *rap*, aos entrevistados e à escola. Para a pesquisa linguística, utilizei-me majoritariamente das canções do grupo de *rap* Sobreviventes de Rua (SDR), pois é um conjunto que faz parte do cenário musical ceilandense há 20 anos. O CD “Aqui vamos nós”, obra escolhida, tem canções próximas ao *gangsta rap*, canções que falam de amor, mas o foco foi nas faixas que retomam o *quilombo*, o estereótipo do negro e sua marginalização. Os integrantes relatam em suas letras a realidade do povo trabalhador e divulgam as desigualdades sociais cometidas na Ceilândia, com temáticas como o crime, a pobreza, o preconceito social e racial, as drogas e a consciência política. Dessa forma, buscam empoderar os jovens ceilandenses contra a cultura de submissão e miséria. Portanto, são as canções do SDR um importante material didático utilizado em sala de aula. Ademais, perceber o *rap* enquanto um professor é reconhecer o potencial que sua

mensagem tem de resgatar a humanidade e cidadania sonegadas às crianças marginalizadas em condição de vulnerabilidade. Essa concepção é manifestada pelo famoso ditado do universo *Hip Hop*: “o rap salva vidas”.

Ter esta percepção foi possível sob a contribuição de outra prática experienciada: o Sarau V.A. Trata-se de um movimento social que ocorre no bairro P-Norte, na Ceilândia, onde artistas da região administrativa, assim como de demais RAs, expõem seus trabalhos semanalmente. As obras dos participantes também discorrem acerca do crime, da pobreza, das desigualdades e da violência policial.

A escola<sup>42</sup>, como citado anteriormente, fez parte de minha história. Enquanto ceilandense e negra, pude vivenciar práticas de exclusão nesta instituição quando cursara o Ensino Fundamental II. Compreender a experiência vivida nesta pesquisa, no caso, dependeu da combinação com experiências passadas. Diante a profissão que tive possibilidades de exercer, posso perceber a responsabilidade social que carrego. Voltar à Ceilândia, agora, em condição de professora, é retribuir todo o conhecimento adquirido em minha caminhada.

## II

Errou, **tio**<sup>43</sup>, de novo, o que você falou?  
Disse que eu era bandido, eu não sou.  
Esse é meu estilo, essa é minha cor,  
Tudo que eu faço pelo rap é por amor<sup>44</sup>  
(Sobreviventes de Rua – Errou, tio – grifo meu)

As canções do grupo SDR foram essenciais para os debates em sala de aula. Esse grupo refere-se, em suas letras, a Ceilândia enquanto *quilombo*. Em entrevista com o integrante Nego Beto, percebi o compromisso social do grupo em debater sobre o extermínio da juventude negra, a violação de direitos do povo periférico e o racismo por parte da polícia. Essas temáticas têm como propósito desconstruir a imagem alienadora exposta pelas elites midiáticas. Segundo o cantor:

---

<sup>42</sup> Por questões éticas, não será citado neste trabalho o nome da instituição de ensino, assim como a identidade dos alunos, por motivos de resguardo. Cito que, para a realização deste trabalho, foi concedida a autorização por parte do diretor e vice-diretor da escola.

<sup>43</sup> TIO: Não há grau de parentesco. Trata-se de um vocativo destinado àquele que não se sabe o nome, em geral, homens mais velhos.

<sup>44</sup> Faixa 4 do CD “Aqui vamos nós” (2015) do grupo Sobreviventes de Rua.

A partir do momento em que tivemos a oportunidade de conhecer a história da população quilombola, tivemos um choque de realidade. Indagamos entre nós “o que seria um *quilombo* hoje”? Foi como se a rua gritasse: “Somos nós, a periferia que não recebeu indenização ao sair da escravidão; somos nós, o povo que ousou lutar e sonhar até mais que JK, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer; somos nós, o povo trabalhador que construiu a resistência para erguer de forma corajosa os barracos sem reboco”. Povo esse que, sem conhecer a sua história, resiste o capitão do mato (estado de direito) e levanta todos os dias disposto a enfrentar esse sistema racista para garantir liberdade as futuras gerações. Então, quando nos deparamos com essa situação, a gente já identificou uma mesma realidade: a identidade com a população *quilombola*. (grifo meu)

Quando indago Nego Beto sobre o que é o *quilombo*, ele responde:

É lutar pelo pedaço de chão; ter liberdade para sonhar, revisar a história e perceber quão difícil foi resistir no campo de batalha. Para chegar até aqui foi derramado muito sangue inocente. Nossa cultura, nossas raízes são resilientes. Tem que ter fôlego de vida para enfrentar as perseguições dessa elite fria, violenta e racista.

A fala do cantor remete as questões levantadas por Carril (2006) quanto às interpretações feitas acerca de uma alforria nunca alcançada, justificada pela escassez de recursos básicos para a sobrevivência mediante um trabalho explorador.

Reconhecer a importância do *rap* nas práticas educativas não ocorreu aleatoriamente. Foi frequentando e observando os encontros de artistas no Sarau V.A. que pude perceber o quão enriquecedor poderia ser essa estética musical em sala de aula, devido a aproximação da linguagem com a dos alunos.

O movimento surgiu a partir da união de artistas amigos que, sem equipamentos, reuniam-se todas as terças feiras para trocar poesias. Com o tempo, a iniciativa tomou uma grande dimensão, de modo que hoje apresentam-se no sarau pessoas da comunidade da Ceilândia e demais RAs do Distrito Federal. A sigla V.A. significa “voz e alma”, política adotada pelos organizadores de que os ouvintes devem manter o respeito enquanto o artista expõe sua poesia ou improvisa. As temáticas das obras expostas pelos poetas variam entre a falta de políticas públicas nas periferias, a homofobia, o racismo, a falta de lazer na cidade e o feminismo. Segundo o *rapper* e organizador do Sarau V.A., Rafinha Bravoz:

O objetivo principal é dar voz a quem não tem. É para qualquer pessoa ser o protagonista da sua comunidade, protagonista naquele momento que *tá* falando, pois alguém vai ouvir. Porque a gente vive à margem, né?! É uma “síndrome do Plano Piloto”, onde as coisas boas só acontecem lá. E na periferia a gente vai ser oprimido pela polícia, vai ser oprimido pela família patriarcal; toda essa cultura de marginalização.

Para o *rapper*, o discurso *quilombola* é presente nas poesias do sarau devido a relação da história dos *quilombos* com a Ceilândia -e seu distanciamento com a *casa grande* (o centro). Rafinha completa fazendo uma associação entre bairros da RA e os *quilombos*:

A gente tem o *Quilombo* da Expansão, **tá ligado**?! Tem o *Quilombo* do Sol Nascente, o *Quilombo* do Pôr do Sol, o *Quilombo* do Setor O, o *Quilombo* da QNR, o *Quilombo* da QNQ, o próprio *Quilombo* do P-Norte, que, dentro da Ceilândia, já é afastado. (grifo meu)

Então, como afirma Beatriz Nascimento (*apud* RATTTS, 2006) o *quilombo* é expresso de forma ideológica, uma vez que a fala do interlocutor tem, em sua natureza, o propósito de luta por benfeitorias para si e para a sua comunidade.

Quando o cantor destaca a questão da condição de margem na Ceilândia reconhece a desigualdade perante o centro, ou o Plano Piloto, como ele cita. Ressalto as colocações de Carril (2006) a respeito da cor negra, que nas periferias é exposta como a “cor do crime”. Esse preconceito é reforçado pelas mídias.

Careço de mencionar um episódio que ocorrera na instituição durante o período que estive trabalhando o projeto: uma briga. O confronto envolveu muitos alunos<sup>45</sup>; foi uma briga muito violenta, de modo que um dos alunos foi hospitalizado. A violência foi tão banalizada por parte dos estudantes, que vários filmavam e aplaudiam o ocorrido. Um dos vídeos terminou nas mãos de uma famosa rede de televisão que expôs o fato de forma superficial; eles não tiveram informações concretas, tampouco a autorização da escola ou da família da criança. Após a exibição, a empresa permaneceu insistindo para que a escola e a mãe cedessem uma entrevista; ambas resistiram e negaram. Esse episódio ilustra a forma irresponsável que as mídias têm de divulgar a Ceilândia e outras periferias do Distrito Federal. O lastimável resultado é que estas notícias corroboram para a construção do velho estigma de que na Ceilândia só são encontrados criminosos.

---

<sup>45</sup> Os alunos da turma que atendo não estavam envolvidos nesta briga. O incidente ocorreu no turno contrário.

Outro lamentoso episódio ocorreu durante as visitas ao Sarau V.A. O sarau mal começara e 10 camburões da polícia civil interromperam o evento para realizar uma ação. Nada em especial foi descoberto, mas os artistas –em especial os negros- foram tratados com total desprezo, desrespeito, sendo humilhados e silenciados durante toda a ação. Eles ameaçaram deter os indivíduos que filmavam a ação com total abuso de poder. No outro dia, a mesma mídia divulgou a ação de forma distorcida, desqualificando o movimento político que acontece na praça. Como Carril (2006) afirma, neste momento os capitães do mato são ressignificados pelos policiais que tem como alvo as pessoas negras.

Percebo, então, a necessidade de tornar os alunos protagonistas de seus discursos. Que não apenas falem, mas ouçam o que dizem. Dessa maneira, as primeiras aulas foram destinadas à oralidade. Debatíamos a questão da desigualdade social, as violências cometidas pela polícia e o racismo. Mas, para não limitar o diálogo às problemáticas, sempre os questionava para que observassem esses tópicos criticamente; assim, debatíamos, também, soluções plausíveis para os problemas expostos.

Quando no documentário Orí se fala “em infância abandonada”, deve-se considerar as condições de vulnerabilidade vividas pelas crianças marginalizadas. Parte da responsabilidade dessa conjuntura é do poder público, que lhes sonega os direitos elementares. Trabalhar com crianças de escola pública de periferia, então, é desafiador e extremamente delicado. Reflito sobre os dados da Infopen (2014), que destacam que o perfil da população carcerária é constituído por 31% de cativos entre 18 e 24 anos, sendo 67% de cor negra; e 53% tem o Ensino Fundamental incompleto. A maioria dos crimes cometidos é por tráfico (27%) e roubo (21%), sendo o tempo total das penas da população prisional condenada entre 4 e 8 anos (26% dos casos). Por isso a escolha por uma instituição de Ensino Fundamental não é ocasional.

A caminho da universidade, quando observo a fila do ônibus que liga a Rodoviária do Plano Piloto à Penitenciária do Distrito Federal (Papula) observo muitas mulheres. Todas elas são muito simples e carregam numerosas sacolas; algumas interagem na fila imensa. Entre elas, muitas negras e outras pardas e brancas. Logo cedo, elas aparentam ansiedade para embarcar no próximo ônibus que sairá bastante lotado em destino ao presídio onde poderão ver seus filhos, maridos e parentes. Penso no destino dos alunos mais uma vez, e nas técnicas educacionais possíveis para que eles compreendam o poder da informação e da criticidade na vida cotidiana.

A escola que me proponho a trabalhar é simples e os recursos didáticos dispostos não são muito eficazes para abarcar as necessidades dos estudantes. A começar pelo livro didático de português disposto pelo Ministério da Educação que utiliza métodos da gramática tradicional para o ensino de língua padrão. As propostas da Base Nacional Curricular Comum dialogam que:

A língua tem duas dimensões: é oral e escrita. Assim, sua aprendizagem considera o contínuo entre oralidade e escrita: na alfabetização, em que o oral é representado por notações (letras e outros signos), nos usos sociais da língua oral e nos usos sociais da leitura e da escrita – nas práticas de letramento. A meta do trabalho com a Língua Portuguesa, ao longo do Ensino Fundamental, é a de que crianças, adolescentes, jovens e adultos aprendam a ler e desenvolvam a escuta, construindo sentidos coerentes para textos orais e escritos; a escrever e a falar, produzindo textos adequados a situações de interação diversas; a apropriar-se de conhecimentos e recursos linguísticos – textuais, discursivos, expressivos e estéticos – que contribuam para o uso adequado da língua oral e da língua escrita na diversidade das situações comunicativas de que participam.

Mas como é possível alcançar essas práticas mediante conteúdos do livro didático tão distantes da realidade dos aprendentes? Como é possível que produzam textos adequados a diferentes situações se não há sequer uma aproximação linguística, se não há verossimilhança com sua linguagem?

Outro fator problemático é a estrutura escolar. As salas de aula dispõem de poucos recursos lúdicos, limitando-se ao velho padrão “quadro e giz”. As cadeiras ainda correspondem ao modelo de enfileiramento de carteiras e cadeiras, impossibilitando uma prática social e conjunta.

O atual modelo metodológico é arcaico no sentido que toda a avaliação é feita por intermédio de cópia. Eles copiam as questões do quadro, copiam as respostas que encontram nos livros, copiam os textos que encontram na *internet* para realizar os trabalhos, copiam as respostas que memorizam para responder as provas. E a criticidade? Onde está a construção do pensamento? Onde está a relação com a realidade? Ainda, onde está a funcionalidade de tais práticas na vida cotidiana?

Não é surpresa que as crianças abandonem a escola, que não tenham assiduidade, que reajam com rebeldia aos comandos pedidos em sala de aula. O despreparo por parte da gestão

da escola e dos educadores também são grandes responsáveis para o fracasso escolar dos aprendizes.

E o que fazer quando seus alunos já desistiram de suas potencialidades? O que fazer quando os pequenos desconhecem seus direitos, seus deveres, sua cidadania? Encarar essa realidade é árduo. Os alunos, em geral, são violentos, dispersos, desinteressados e rebeldes. E a culpa é de quem? Me pergunto.

São diversos os questionamentos que me levaram a desenvolver esta metodologia. As técnicas refletidas para dar conta de reparar as condições expostas acima também são inúmeras. E o que fiz? A partir desses materiais planejo as aulas e sigo rumo a escola para encontrar os pupilos todas as quintas-feiras a tarde e trabalhar este fenômeno: a língua.

#### IV

**-‘Cêis tão ligados** que eu também tenho que fazer o meu **corre?**

Acima, algo que lhes questionei um dia. A linguagem que utilizo com os estudantes em sala de aula contempla suas falas. Empregar gírias e expressões da periferia são apenas alguns dos recursos que utilizo e os resultados são os melhores. Há, acima de tudo, reconhecimento em minha fala. Portanto, a primeira prática retoma os princípios de *harmonização linguística* de Faulstich (2015). Esta linguagem –a variante periférica - será o grande intermediador de aproximação com a turma.

Utilizo-me de métodos funcionalistas. A abordagem linguística tem o ofício de compreender os contextos sociais para entender as escolhas linguísticas do falante. Como afirma Castilho (2012), não há estrutura linguística estática e correta, mas funções sociais apropriadas para cada variante da língua. A exemplo, a expressão “corre”, que tem diversos significados na periferia, e passa por processos de modificação de sentidos, denominado por Castilho (2014) como *semanticização*<sup>46</sup>.

Os alunos do projeto não reconheciam outras significações para a palavra **corre**, se não o significado ligado às atividades criminais. Com o diálogo, essa concepção foi desconstruída, de modo que, ao final da aula, compreendiam o termo como:

---

<sup>46</sup> “É o processo de criação, modificação e categorização do significado linguístico. Esse processo cobre os campos da semanticização lexical, composicional e pragmática” (CATILHO, 2014, p. 92).

1. Recorrer a vida do crime;
2. Esforço muito grande para execução de tarefas;
3. Atividades cotidianas;
4. Ações que o indivíduo deve realizar em um curto espaço de tempo;
5. Necessidades diárias;

As palavras “correr” e “correria”, então, passaram por processo de *gramaticalização* (CASTILHO, 2012), pois advém do verbo “correr”. A primeira expressão, no presente do indicativo, utilizado na 3ª pessoa do singular; a segunda, no futuro do pretérito do indicativo, utilizado na primeira pessoa do singular.

Ao prezar a linguagem dos alunos, considero as táticas da Sintaxe Funcional, que analisa as manifestações linguísticas a partir do contexto de uso. Vou além da normatização da língua imposta por defensores de um “português culto” e correto, que desconsideram as variantes e suas peculiaridades. As elites, classes que mais têm contato com o padrão do português, evidentemente têm, também, mais oportunidades que as classes marginalizadas (MARTELOTTA, 2016).

Dessa forma, procurei abandonar os livros didáticos. Me propus, primeiramente, ao debate. Escolhida a temática de cada aula, selecionava *raps* que dialogassem com os assuntos e avaliei-os criticamente junto dos alunos. Pedia que lessem em voz alta e que discorressem acerca dos entendimentos com os trechos das canções. A princípio, poucos eram os que voluntariamente falavam, mas foi possível a cada aula, a cada momento, incentivá-los a terem protagonismo de voz nas rodas de debate.

Em seguida, além de preocupar-me em harmonizar nossos instrumentos de comunicação, resolvi modificar a configuração espacial da sala. Nos primeiros contatos, pedi que reformulassem o posicionamento das cadeiras. Primeiro, deixaríamos de utilizar carteiras, cadernos e canetas; assim, fizemos um grande círculo com as cadeiras na sala. Disse-lhes: “A gente tem que olhar na cara do outro, **tá ligado**? Quer xingar o colega? Então olha na cara, **véi**<sup>47</sup>. Qual o problema?”

Dessa maneira, não havia competição na sala; ninguém teve posição verticalizada nas rodas, inclusive eu mesma. Nenhum deles foi avaliado com vistos em cadernos, nem tiveram que copiar textos homéricos acerca dos conteúdos trabalhados. É importante destacar que, com

---

<sup>47</sup> VÉI: Variação da gíria “velho”. Vocativo destinado a qualquer pessoa, independente de gênero ou idade.

o tempo, antes mesmo que eu adentrasse a sala de aula, os alunos já haviam organizado o ambiente para iniciarmos a conversa do dia.

Essa configuração, no entanto, não foi suficiente para resolver as violências cometidas entre os estudantes; o *bullying* estava sempre presente no ambiente. E não é difícil entender porque agem assim: são tão violentados cotidianamente (com a marginalização e com a escassez de recursos básicos, por exemplo), que refletem isso nas inter-relações. Portanto, estabeleci que a base para o desenvolvimento das aulas seria o respeito. Evidentemente, não pude evitar com isso que se ofendessem, mas exigi que se desculpassem, que olhassem nos olhos e enxergassem no outro um alguém como eles, merecedor de respeito.

Quando declaravam coisas como:

-Cala a boca, animal. A *p'sôra tá* falando!

Respondia:

-Não é “cala a boca”. Você *tá* falando com algum animal? Peça desculpas.

E foi com mudanças lexicais simples como estas que conseguimos começar a estabelecer o respeito em sala.

Para manter a atenção dos alunos, foi necessário, também, que fizessem pequenas práticas meditativas no início das primeiras aulas. É possível tranquilizar a mente, relaxar o corpo, aliviar as dores, fortalecer o sistema imunológico e desenvolver a percepção e concentração a partir de técnicas de meditação, como afirma Goleman (1999):

Em essência, a meditação é o esforço para reexercitar a atenção. E isso que dá à meditação os efeitos incomparáveis de obtenção de conhecimentos, aumento da concentração e capacidade de relacionar-se com empatia. A meditação é porém mais usada como uma técnica rápida e fácil de relaxamento. (GOLEMAN, 1999, p. 14)

A prática meditativa tem sido um mecanismo muito utilizado na sociedade pós-moderna, devido aos **corres** diários. Ela funciona como uma terapia para problemas de desordens psicossomáticas, e auxilia rapidamente nas situações estressantes (GOLEMAN, 1999, p. 17). A esses alunos que simplesmente reagem violentamente aos problemas encontrados em sala de aula, achei necessário utilizar de práticas meditativas para que se concentrassem e tentassem resolver as adversidades de forma mais racional.

As meditações eram guiadas. Sentados em círculo, deveriam fechar os olhos e respirar profundamente enquanto levavam o pensamento e a imaginação aos locais que descrevia. Lugares, objetos, cores, pessoas, várias foram as conduções utilizadas. Após a prática, os alunos

relatavam voluntariamente como fora a experiência, de modo que este era o primeiro *link* que fazia com a temática da aula do dia.

Ao passo que estas técnicas traziam, progressivamente, resultados positivos, me propus a lecionar os conteúdos fora da sala de aula; levei os alunos a outros ambientes da escola, portanto. É neste momento que passei a trabalhar a escrita. Optei pelo “xadrez” - assim intitulado pelos alunos-, trata-se de um pequeno pátio que contém uma bonita área verde ao ar livre. O local contém mesas e cadeiras de concreto com tabuleiros de xadrez desenhados sobre as mesas. A partir desta aula não foi mais preciso realizar as práticas meditativas, pois os alunos já aguardavam preparados o início de nossa aula. Sentados nas mesas que comportavam até quatro alunos, eles discutiam nos pequenos grupos. Foram distribuídas imagens que retratavam questões sociais comuns na Ceilândia: racismo, pobreza, violência contra a mulher e preconceito contra pessoas do estilo *Hip Hop*<sup>48</sup>. Juntos eles debatiam as imagens para, posteriormente, responder individualmente questões referentes às mesmas.

Com essa prática, foi possível ressignificar o espaço escolar. Eles se surpreenderam e gostaram de realizar a atividade além das limitações de quatro paredes, que é a sala de aula. A prática de atividades como esta são de natureza *ubuntu*<sup>49</sup>, prática africana que possibilita modos de viver conjuntamente de forma policêntrica e antirracista.

## V

-Você se identifica com essa música?

-Sim.

-Por que?

-Porque é um *rap*, né *p'sôra*.

-*Tá*, e daí?

-Ah, ele *tá* falando dos **cana**, né?!

-Alguém tem alguma história ruim que passou com os **cana** e quer compartilhar?

---

<sup>48</sup> Há um grande estigma construído pela mídia que constrói a imagem de bandidos às pessoas que utilizam bonés, roupas largas, colares de prata e tatuagem. O “estilo bandidão”, como denominam os próprios alunos, prova de que está no imaginário social a associação deste estilo com o malfeitor, o delinquente.

<sup>49</sup> “Em linhas gerais, ‘ubu’ indica tudo que está ao nosso redor, tudo que temos em comum. ‘Ntu’ significa a parte essencial de tudo que existe, tudo que está sendo e se transformando. [...] Porque ubuntu significa que só posso ser feliz se as pessoas ao meu redor também estão felizes” (NOGUERA, 2012, p.148-150).

-*P'sôra*, uma vez eu levei um **bacú**<sup>50</sup> do nada. *Tava* eu e meu *brother*. A gente só *tava* caminhando na rua, só. Os *cara* enquadraram a gente. Eu fiquei com medo porque só tinha a gente na rua.

-Complicado, né?! E como você se sentiu?

-Ah, eu achei **paia**<sup>51</sup>, né?! **Nada a ver**<sup>52</sup>, **moço**<sup>53</sup>.

-Alguém sabe por que o **irmãozinho** aqui levou um **bacú**?

-*Oxi*, porque ele é da **quebra**<sup>54</sup>.

-Porque ele é preto.

Com falas como estas foi possível desenvolver aulas que tratassem sobre a discriminação social e o racismo que ocorre nas periferias.

Uma das questões pontuais discutidas em sala de aula era a acessibilidade de direitos. Dentro de um país que adota práticas burocráticas apoiadas em uma cultura grafocentrista<sup>55</sup>, faz-se necessário o domínio da modalidade escrita oficial para que não sejam ainda mais excluídos socialmente. Mas como é possível alcançar tal domínio, uma vez que esta modalidade é tão distante de suas linguagens?

Dentro da cultura de periferias, a língua é carregada de particularidades. Mas as expressões utilizadas acima são retidas pelos falantes cotidianamente e são aceitas nos contextos de fala. Com criatividade, as expressões são criadas e repetidas na comunidade, de forma que se agrega a língua, pois os recursos disponibilizados muitas vezes não são suficientes para manifestarem-se efetivamente (CEZÁRIO, 2012).

Reconheço a linguagem desse grupo, e me aproprio dela a fim de educá-los. Mas é preciso ir além dessa variante para que eles alcancem os espaços de poder. Portanto, para trabalharmos a língua em sala de aula, também planejei aulas dedicadas a prática de reescrita. Essa técnica foi utilizada a fim de que os alunos percebessem os desvios linguísticos (da língua oficial) cometidos. Não apenas tinham que reescrever os textos baseados nas correções, mas desenvolver tópicos que poderiam ser melhor explorados por eles. Assim, foi possível que, aos poucos, trabalhássemos textos gradativamente mais complexos.

---

<sup>50</sup> BACÚ: Revista policial.

<sup>51</sup> PAIA: Ruim, desagradável.

<sup>52</sup> NADA A VER: Não há sentido.

<sup>53</sup> MOÇO: Assim como “véi”, o vocativo é destinado a qualquer pessoa, independente de gênero ou idade

<sup>54</sup> QUEBRA: De “quebrada”, refere-se a periferia.

<sup>55</sup> Conduta colonizadora que sujeita o indivíduo a modalidade escrita do português.



## CAPÍTULO 4

### “Ceilândia, *quilombo* dos cantares”: um breve relato

#### I

“Ceilândia, *quilombo* dos cantares” é o nome dedicado ao projeto<sup>56</sup> realizado na instituição de ensino. O nome faz uma analogia ao “*Quilombo* dos Palmares”, que tivera no século XVII a liderança de Zumbi dos Palmares<sup>57</sup>. A figura de Zumbi é a figura do herói nacional ligado à memória do *quilombo* (RATTS, 2006, p. 123). Chamo o projeto assim, pois é através das canções de *rap* e da poesia marginal que os ceilandenses retomam o *quilombo*.

Para a realização deste projeto, tive a autorização da instituição. No entanto, por tratarmos de assuntos muito delicados, opto por resguardar a identidade dos alunos e da escola.

Os próximos subcapítulos contém as anotações<sup>58</sup> da experiência de dois encontros com os alunos, já no fim do Projeto.

#### II

##### Aula do dia 22/06

Ao chegar na escola, deparo-me com um aluno e uma aluna da turma na direção. A história: diante uma confusão, ela dera um tapa na cara do aluno que revidou agressivamente. O aluno foi suspenso.

Hoje sugeri que tivéssemos aula na Biblioteca. Os alunos, a caminho do local, soltavam piadas como “Hoje a aula é no cemitério”. E de fato, o espaço é pouco frequentado. Antes de chegarmos, parei no pátio da escola e sugeri uma conversa. Critiquei o posicionamento violento dos alunos, mostrando a eles que não admitiria esse tipo de comportamento em minhas aulas, advertindo, inclusive, que não daria continuidade no projeto caso esses eventos de desrespeito continuassem a ocorrer. Atentei-os sobre a importância de correrem **lado a lado**, pois em suas condições de marginalização, era importante construir laços de confiança e respeito com os demais.

---

<sup>56</sup> É importante destacar que nenhum recurso financeiro foi disponibilizado, seja por parte da escola, seja pela universidade.

<sup>57</sup> Segundo Abdias do Nascimento, Zumbi é o “fundador do *quilombismo*” (NASCIMENTO, 1980, p. 256, grifo meu).

<sup>58</sup> Toda a experiência foi registrada em um Diário de Bordo.

Chegando na Biblioteca, já disponibilizara dicionários nas mesas. Pedi aos alunos que procurassem a palavra *quilombo*. Os dicionários utilizados foram o Aurélio Júnior (2011), Saraiva Jovem (2010), Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras (2011) e Caldas Aulete Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (2011). Estes dicionários foram encontrados no “cemitério” encaixotados, esquecidos em um canto. O material estava bem conservado, aparentando pouco uso.

Os alunos procuraram o termo e pedi que lessem em voz alta o significado. Em geral, as definições tratavam o quilombo como o “refúgio de escravos” -ou seja, a perspectiva do colonizador. Então, comecei a contar-lhes um pouco da história do Brasil desde a invasão portuguesa. Problematizei a questão dos indígenas e negros escravizados que eram trazidos d’África – toda a aula foi lecionada em simples e direta variante do português utilizada pelos alunos na periferia. Eles participavam, questionavam e respondiam as questões colocadas, o que mostrou que o conhecimento estava sendo alcançado.

Em seguida, questionei o porquê de os cantores de *rap* chamarem a Ceilândia e outras periferia e favelas de *quilombo*, e aos poucos iam respondendo com:

-Porque a favela é resistência.

-Resistência do que?

-Das coisas que passa.

-Que coisas?

-Hospitais ruins, escolas ruins, os **cana**.

-E por que os “navios negreiros” são vistos como “camburões do braço armado do Estado brasileiro”?

-Por causa da violência. Porque a gente apanha, eles humilham a gente.

Em seguida, passei um poema que se encontra na faixa 11 do CD “Aqui Vamos Nós” do grupo Sobreviventes de Rua. Pedi que lessem e respondessem as questões oralmente em grupo:

1. Que tipo de texto é esse?
2. A linguagem utilizada se parece com a sua? Por que?
3. Que palavras que aparecem no texto que são muito distintas da sua?
4. Do que fala o poema?
5. O que é o quilombo?
6. A Ceilândia é um quilombo?

As respostas foram muito positivas pois, pouco a pouco, líamos o poema juntos para interpretá-lo. A linguagem utilizada nesse poema é bastante formal, pois são encontrados verbos conjugados na segunda pessoa do singular (“geraste”, sobreviveste”, disseste”, “tens”, entre outros), além de vocabulário incomum no cotidiano periférico (“bradei”, “açoite”). No entanto, ao interpretarmos-lo juntos, não houve limitações na compreensão do texto. Respondemos as questões conjuntamente e, em seguida, coloquei a faixa no CD para que escutassem.

O poema é declamado com bastante vivacidade, com uma voz firme e forte. Além disso, o ritmo expresso pelo poema, a musicalidade e os sons que aparecem ao fundo, no momento da declamação (trovões e sons da noite), criam uma atmosfera sombria e densa, o que carrega o poema de emoção do eu-lírico. Ao passo que o poema é ouvido, é possível construir uma imagem de um negro fugido, que corre pelas matas em chamas.

Este poema continha o mesmo discurso de protesto dos demais textos trabalhados em sala. No entanto, sua estrutura foi construída dentro da variante padrão da língua. Foi possível construir uma harmonização no momento que o poema foi lido individualmente e depois coletivamente, de forma que fazíamos as interpretações pontualmente. Finalizamos a aula com louvor.

### III

#### Aula do dia 29/06

Aula na Biblioteca.

Preparei uma atividade que consistia em elaboração de texto. No enunciado haviam duas opções de construção textual. Esta é a segunda vez que dois novos alunos aparecem para a aula. Todos deveriam elaborar, individualmente, a atividade descrita abaixo:

## PRODUÇÃO DE TEXTO

**Opção 1:** Reflita profundamente a situação destas pessoas. Pense a respeito da história que contamos sobre os quilombos e a realidade das favelas e periferias do Brasil. Agora, redija um texto criando uma história. Você dará aos seus personagens nomes e idades.

Você escolherá a Ceilândia como cenário e discutirá criticamente o porquê destas pessoas sofrerem. Seu texto deverá ter no mínimo 15 linhas e 3 parágrafos. No último parágrafo você deverá apresentar uma solução para o problema apresentado.

Lembre-se de ser bem criativo. Utilize uma linguagem mais formal.

**Opção 2:** Reflita profundamente a situação destas pessoas. Pense a respeito da história que contamos sobre os quilombos e a realidade das favelas e periferias do Brasil. Agora, redija um texto criando um rap. Você dará aos seus personagens nomes e idades.

Você escolherá a Ceilândia como cenário e discutirá criticamente o porquê destas pessoas sofrerem. Seu rap deverá ter no mínimo 15 linhas. Na última parte você deverá apresentar uma solução para o problema apresentado.

Lembre-se de ser bem criativo. Utilize uma linguagem típica do rap.

No total, 14 alunos participaram da aula e apenas 2 não fizeram a atividade proposta. Procurei incentivá-los, ajudar-lhes a construir uma narrativa, mas eles, no fim, alegaram estar cansados ou ainda alegaram que não conseguiam.

Durante a aula eles iam construindo o texto, e ao passo que desenvolviam, pediam que eu avaliasse. Dei sugestões, mas em momento nenhum questioneei os desvios linguísticos cometidos. Esses reparos serão feitos para o próximo encontro, no qual farão a reescritura de textos, e desenvolverão um trabalho final.

Foram percebidos bastantes desvios que mostram o quão distante alguns alunos estão da língua padrão. Mas o processo criativo ocorreu em todos eles, mostrando que havia ali conhecimento e certa criticidade aos pontos sugeridos.

Havia em cada um dos textos uma imagem diferente. Elas, em geral, mostravam a ação violenta da polícia, a violência contra a mulher e a situação de moradores de rua.

Ao final, recolhi os textos e ouvi: “*Tô* preferindo essas aulas que as outras do começo”.

**Observações:**

O aluno<sup>59</sup> apontado como o mais problemático pela turma e pela escola mudara de turno. Infelizmente, não tivemos mais contato. Ele participou do projeto desde o começo, e mostrava interesse nas aulas, muito respeito por mim e simpatia às atividades propostas.

Outra aluna (a que é mãe) que participou ativamente das primeiras aulas também tem faltado bastante. Um dia, ao avistar a aluna na rua, perguntei o porquê de estar tão ausente nas aulas. Ela relatou problemas com o marido. Nos braços, a aluna tinha várias cicatrizes que, segundo ela, foram resultado de cortes feitos (por ela mesma) para aliviar a raiva que sentia.

Questiono-me o que ocorreu com estes alunos.

---

<sup>59</sup> No início do projeto, soube pela escola e pelos alunos que ele acabara que cumprir pena em uma unidade de retenção para menores infratores.

## CONSIDERAÇÕES

Dentro desta pesquisa foi possível perceber que a palavra *quilombo* passa por diversas transformações. Apresento as concepções de teóricos da Geografia e da História. Além disso, procuro a concepção dicionarizada do termo, assim como sua manifestação na estética musical própria das periferias.

Nas periferias, o *quilombo* irá significar a luta e a resistência, principalmente no movimento negro. Quando os sujeitos se *aquilombam*, é com a tentativa de promover melhoras às favelas; eles resistem e existem. Reconhecem a exploração, o preconceito, a segregação e a minorização que sofrem por parte de políticas públicas, pelo abuso de poder por parte da polícia e por parte dos estereótipos que estão no imaginário da sociedade, construídos pela elite midiática.

Dentro de um contexto urbano, o “escravo” passa a ser o proletariado, o negro, o pobre de periferia; “navios negreiros” são ressignificados como os camburões da polícia. Neste momento, o *quilombo* é a representação das áreas marginalizadas nos centros urbanos (também chamados “periferias” e “favelas”).

É possível que os alunos inseridos nessa realidade tenham acesso à educação formal eficaz a partir de metodologias que envolvam a interação. Só é possível haver conhecimento, compreensão, quando há representatividade; só é possível aprender com o outro. E se há uma aproximação desse outro com a realidade do indivíduo, se há uma harmonização na forma como esse outro se comunica, se há de fato uma interação, a comunicação funciona.

A variante oficial é uma língua de acessibilidade, porque possibilita que se interprete os direitos e deveres do cidadão em leis, possibilita diálogos em contextos oficiais, possibilita o ingresso em universidades e em cargos públicos. Portanto, é importante ter este conhecimento para a articulação em momentos específicos. Levar este conhecimento de forma efetiva às periferias é oferecer possibilidades para que os indivíduos tenham escolhas além da vida do crime e do emprego informal. Permite que eles tenham autonomia e criticidade.

As questões dos alunos desta turma tão problemática eram sempre discutidas entre os professores e a gestão escolar. No entanto, os membros nunca vislumbraram uma resolução para a turma. Os professores regentes declaravam intenso cansaço quanto às tentativas de solucionar os problemas deste grupo.

Trabalhamos letras de *rap*, debates, meditações, escritura e reescritura de textos. No início, a resistência mostrada por parte dos alunos foi, aos poucos, dando lugar à criação, à curiosidade, a ação conjunta e ao respeito.

Para desenvolver esta metodologia foi preciso, acima de tudo, compreender o contexto que estes estavam inseridos. Pesquisei criticamente a história deste *quilombo*, a Ceilândia, em textos teóricos e em textos estéticos a fim de compreender as problemáticas locais.

Vários estereótipos foram desconstruídos nesse processo. Os alunos entendiam sua história e seu papel na sociedade, compreenderam a realidade do negro. Esse conhecimento foi avaliado nas produções de textos. As imagens trabalhadas em sala que relatavam questões como a situação das periferias, o preconceito contra o negro, a violência contra a mulher, o preconceito contra o estereótipo do bandido (ligado à estética do *Hip Hop*) foram representações da construção da imagem da periferia. Os resultados possibilitaram que os alunos reconhecessem o outro com um olhar mais compreensível. Isso só foi possível com práticas de ressocialização e desenvolvimento linguístico.

“Professora, vou *abolir* com minha namorada”. Quando o aluno pronuncia tal declaração, procura associar a palavra “abolir” com “terminar”. Pensar em abolição da escravatura é ter o entendimento de que este fatal acontecimento fora encerrado. E de fato foi? Por que o *rap*, então, retoma o *quilombo* e a escravidão?

A simbologia do *quilombo* ocorre como uma busca no passado histórico que justifica a condição presente. Usar esse discurso em sala de aula foi extremamente positivo, pois foi possível problematizar desde as violências cometidas pelo poder público às violências que ocorriam entre eles próprios na escola.

Por que os jovens periféricos ainda estão nesta condição? É como se, para sobrevivência, tivessem em *aquilombar-se*, ainda tendo que manter esse discurso de resistência, como aquele que sobrevive perante tudo isso. Foi necessário conhecessem a cidade para entenderem suas condições. Hoje, eles sabem porque precisam estudar a variante padrão do português e sabem quando usar.

Devido ao estereótipo negativo da Ceilândia construído pela mídia, não há um incentivo de promover a cidade; isso ocorre, entre outros fatores, por conta da especulação imobiliária. Esta cidade<sup>60</sup>, tão importante na construção da capital, passa por uma falsa abolição, no qual são mantidos às margens resistindo e sobrevivendo.

---

<sup>60</sup> Não desconsidero a realidade de outras RAs em condições ainda mais problemáticas que a Ceilândia, como o Itapoã, a estrutural e o Varjão. Incentivo, inclusive, que a situação dessas regiões administrativas seja problematizada a fim de promover recursos que solucionem essas questões.

Se outrora os alunos se interessavam em exibir celulares e alianças –cujos procedentes nunca questionei, mas segundo eles, eram resultados de seus **corres** - hoje mostram suas opiniões com total liberdade para manifestarem-se.

Uma vez que a questão da violência é tão corriqueira na escola, foi necessário que fizéssemos atividades voltadas a essa temática a fim de reparar estes comportamentos. É impossível, cruel e até utópico conceber que trabalharia com os meninos essencialmente a língua, visto que há tantos outros fatores a serem discutidos em sala. Ora, que serventia veriam na língua padrão se não fosse problematizando o contexto que estão inseridos, tal como a funcionalidade dessa variante?

Para finalizar, acrescento alguns trechos do poema de Deley de Acari, que problematiza a relação que se faz com o termo *quilombo* e a favela. Deley, expressa em seus versos, a leitura de *quilombo* como um lugar positivo, comparado à realidade das favelas.

Quem diz que favela é *quilombo* urbano  
Não vive, não sabe o que diz  
Não sabe que *quilombo* urbano seria sinônimo de  
socialismo,  
Não machismo, não racismo, igualdade, irmandade,  
parceria, ajuda mútua, amor, felicidade, harmonia  
E que na favela, há muito pouco de cada  
isso, um quase nada de cada isso.  
("Quem diz que... Não vive, não sabe o que diz"<sup>61</sup>)

---

<sup>61</sup> Poema encontrado no livro "Um século de favela" organizados por Alba Zaluar e Marcos Alvito (Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006).

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. As origens da consciência nacional. *In: Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 71-83.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2016. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf)>.

CALDART, Roseli Salete (org). *Dicionário da Educação do Campo*. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CARRIL, Lourdes. *Quilombo, favela e periferia: a longa busca por cidadania*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. Entrevista: funcionalismo (s) e teoria multissistêmica. *Revista PROLÍNGUA*. V. 9, N. 2. 2014. (Entrevista concedida a Camilo Rosa Silva).

\_\_\_\_\_. Ataliba Teixeira. Funcionalismo gramáticas do português brasileiro. *In: Funcionalismo Linguístico: Novas Tendências Teóricas / organizador Edson Rosa de Souza* – São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. Ataliba Teixeira. *Nova gramática do português brasileiro*. 1º. ed., 1ª Reimpressão – São Paulo: Contexto, 2010.

CEZARIO, Maria Maura. Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática. *In: Funcionalismo Linguístico: Análise e Descrição / organizador Edson Rosa de Souza* – São Paulo: Contexto, 2012.

*Constituição Federal* de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. *In: Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2016.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1ª ed.

FAULSTICH, Enilde. Harmonização entre línguas como um mecanismo de política linguística no Brasil. Conferência plenária. *In: Língua Portuguesa: unidade na diversidade*. Lublin, Polônia, novembro de 2015.

FRANÇA, Aniela Improta. O que é linguística? *In: A linguística do século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem/ Aniela Improta França, Lilian Ferrari e Marcus Maia* – São Paulo: Contexto.

GOLEMAN, Daniel. *A arte da meditação: um guia para a meditação*. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.

ILARI, Rodolfo. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos / Rodolfo Ilari, Renato Basso*. 2 ed. – São Paulo: Contexto, 2009.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. *In: Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2016.

MOURA, Clóvis. *Brasil: raízes do protesto negro*. São Paulo: Global, 1983.

NOGUERA, Renato. *Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista*. Revista da ABPN v. 3, nº 6, nov, 2011-fev 2012. Disponível em: <[http://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/renato\\_noguera\\_-\\_ubuntu\\_como\\_modos\\_de\\_existir.pdf](http://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/renato_noguera_-_ubuntu_como_modos_de_existir.pdf)>

PEREIRA, Vinícius Carvalho. A caixa d'água da Ceilândia e o reconhecimento da memória dos construtores de Brasília. *II Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*, 10 e 11 de set de 2009. Universidade Anhembi Morumbi – UAM/SP.

Disponível em < <http://seminariosmemoriasocial.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/C007-VINICIUS-CARVALHO-PEREIRA-normalizado.pdf>>.

PESSOA, Maria das Neves Almeida. *Ocupação irregular de terras e criação de centros de desenvolvimento econômico em Ceilândia* – DF. UnB: Brasília, 2009. Disponível em < <http://bdm.unb.br/handle/10483/7058>>

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica* - sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Instituto Kuanza: São Paulo, 2006.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*”. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

TAVARES, B. *Na quebrada a parceria é mais forte* – Juventude hip-hop: relacionamentos e estratégias contra a discriminação na periferia do Distrito Federal. Brasília, 2009. Disponível em < [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3833/1/2009\\_BreitnerLuizTavares1.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3833/1/2009_BreitnerLuizTavares1.pdf)>

TEPERMAN, Ricardo. *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil*. Enigma: São Paulo, 2015.

## GLOSSÁRIO

**Bacú:** Revista policial.

**Boy:** De “*playboy*”, aquele que possui boa condição financeira.

**Cana:** Polícia.

**Colar:** Frequentar, visitar.

**Corre/correria:** Atividades criminais; Necessidade financeiras diárias; Esforço muito grande para execução de tarefas; Atividades cotidianas; Ações que o indivíduo deve realizar em um curto espaço de tempo; Necessidades diárias.

**Correr com:** Acompanhar o outro nas trajetórias; estabelecer parcerias.

**Dar ideia:** Orientar; avisar; ensinar.

**Dar a ideia:** Prestar atenção.

**Estar junto:** Ser companheiro, ser amigo; oferecer ajuda/apoio.

**Estar ligado:** Estar atento.

**Irmão:** Amigo; pessoa no qual se tem afinidade ou empatia; aquele com que se corre lado a lado.

**Jão:** De “João”, vocativo relacionado a qualquer pessoa no qual não se sabe ou não é necessário especificar o nome.

**Lado a lado:** Relação horizontal entre pessoas.

**Moço:** Assim como “véi”, o vocativo é destinado a qualquer pessoa, independente de gênero ou idade

**Nada a ver:** Não há sentido.

**Paia:** Ruim, desagradável.

**Quebra:** De “quebrada”, refere-se a periferia.

**Tio:** Não há grau de parentesco. Trata-se de um vocativo destinado àquele que não se sabe o nome, em geral, homens mais velhos.

**Trocar ideia:** De “quebrada”, refere-se a periferia.

**Véi:** Variação da gíria “velho”. Vocativo destinado a qualquer pessoa, independente de gênero ou idade.